



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**REBECA RODRIGUES DE SANTANA**

**TIPOS DE *TIPO* EM UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS UNIVERSITÁRIA**

**São Cristóvão/SE**  
**2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**REBECA RODRIGUES DE SANTANA**

**TIPOS DE *TIPO* EM UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS UNIVERSITÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Usos Linguísticos.

Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag (Orientadora)

São Cristóvão/SE

2019

**REBECA RODRIGUES DE SANTANA**

**TIPOS DE TIPO EM UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS UNIVERSITÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Descrição, Análise e Usos Linguísticos.

Dissertação aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag - UFS  
Universidade Federal de Sergipe  
Presidente - Orientadora

---

Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho - UNEB  
Universidade do Estado da Bahia  
1ª Examinadora - Externa

---

Profa. Dra. Isabel Cristina Michelan de Azevedo - UFS  
Universidade Federal de Sergipe  
2ª Examinadora - Interna

---

Profa. Dra. Flávia Ferreira da Silva Rocha - UFS  
Universidade Federal de Sergipe  
3ª Examinadora - Externa

*Aos meus pais, Regina e José Carlos, por todo  
o amor e pelo incentivo aos estudos desde a  
minha infância, dedico.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por guiar meus passos por esse caminho, que eu tanto desejei seguir, e por me dar forças para superar as dificuldades encontradas.

À minha orientadora, Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, por ter me ensinado muito, desde os projetos de Iniciação Científica, sobre ser pesquisadora (a importância de comprometimento com a pesquisa, organização, determinação, trabalho em equipe); por ter despertado minha curiosidade científica acerca dos aspectos da língua; e por todos os direcionamentos teóricos e metodológicos, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos membros do Grupo de Estudos em Educação Física pela participação nas coletas de dados, que forneceram os dados reais de fala sem os quais um estudo em Linguística Funcional Centrada no Uso e em Sociolinguística não seria possível.

Aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho, Profa. Dra. Isabel Cristina Michelan de Azevedo e Profa. Dra. Flávia Ferreira da Silva Rocha, pelo aceite para a participação das bancas de qualificação e defesa e pelas valiosas contribuições oferecidas nesses dois momentos.

Aos meus colegas do Grupo de Estudos em Linguagem Interação e Sociedade – GELINS – por todo o conhecimento compartilhado, pelas palavras de incentivo e pela torcida para que desse tudo certo, em especial a Andréia Araujo, Josilene Mendonça e Alessandra Machado.

Aos meus amigos e também colegas de mestrado e de grupo, Cristiane Ribeiro, Flávia Evangelista, Thaís Corrêa e José Júnior de Sá por vivenciarem comigo cada momento, tornando essa jornada acadêmica, que para muitos é tão solitária, repleta de companhias, trabalho em equipe, conselhos, abraços, e presenteando-me com o que eu levarei de mais valioso dessa fase, sua amizade sincera.

À CAPES, pelo subsídio financeiro.

Aos meus pais, Regina e José Carlos, por acreditarem e investirem nos meus sonhos e por me ensinarem, dentre as importantíssimas lições, que o melhor caminho a seguir é o dos estudos.

Ao meu marido, João Bosco, por entender as minhas faltas, pelo incentivo e torcida constantes e, especialmente, por ser a pessoa no mundo que mais acredita em mim.

Á minha amiga-irmã Joana Kelly pela amizade de longa data, por estar presente apesar de qualquer distância física e pelas palavras certas em todos os momentos.

Á minha amiga Edna Caroline pelos conselhos mais realistas e pelo carinho de sempre.

A todos os meus familiares e amigos que não foram referenciados, mas que contribuíram para a concretização dessa fase por encherem os meus dias de felicidade e esperança, os meus mais sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Dentre o conjunto de marcadores discursivos, popularmente associados a “vícios de linguagem” ou marcas de informalidade está **tipo**, que tem sido cada vez mais frequente na fala em usos inovadores. Estes usos inovadores, do ponto de vista linguístico, são legítimos e cumprem uma função social, como preconiza a teoria sociolinguística, e são regulares, como preconiza a abordagem construcional. O objetivo deste trabalho é descrever os diferentes usos de **tipo** como *types* de diferentes categorias linguísticas, bem como a relação desses *types* com um estilo linguístico mais formal ou mais informal. Para tanto, tomamos como base teórica a abordagem construcional (CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), associada ao controle da dimensão do estilo na perspectiva da Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]; LABOV, 2001; BELL, 1984; BELL, 2001). Constituímos uma amostra de fala da comunidade de práticas Grupo de Pesquisa em Educação Física, de modo a possibilitar a observação, além de fatores linguísticos para a descrição dos diferentes usos de **tipo**, também de fatores estilísticos para a verificação da influência da alternância entre estilos mais formais e mais informais nesses usos. Em seguida, realizamos a transcrição dos dados coletados; extraímos todos os *tokens* de **tipo**; classificamo-nos quanto às categorias especificadas e submetemos cada *type* identificado ao tratamento estatístico descritivo para o cômputo de sua frequência *token*. Sobre os resultados dos aspectos linguísticos, verificamos que **tipo** ocorre com possibilidade de plural apenas na categoria *nominal*, sofrendo uma alteração morfológica de perda desse traço em seus novos *types*; que tem propriedades sintáticas distintas em seus usos das três categorias, tendo no esquema *nominal* escopo sintático de *sintagma nominal*, na categoria *conectivo* escopo de *ligação entre sintagmas nominais*, *ligação entre orações* e *ligação entre sintagma nominal e oração em forma nominal* e na categoria *marcador discursivo* propriedade de sintaticamente *independente*; e que tem valores semântico-pragmáticos, também distintos, em seus diferentes usos, tendo valor de *classificação* como *type* da categoria *substantivo*, de *comparação* e *exemplificação* na categoria *conectivo* e os valores semântico-pragmáticos de *introdução de diálogo interno*, *planejamento verbal*, *delimitação aproximativa*, *ênfase* e *articulação intratópica* na categoria *marcador discursivo*. Quanto aos efeitos estilísticos, constatamos, acerca do fator situação conversacional, que os membros da comunidade apresentaram maior uso dos *types* das categorias *conectivo* e *marcador discursivo* na situação de *interação conduzida*, a mais propícia à emergência de sua fala espontânea, e esse uso vai diminuindo à medida que a formalidade da situação aumenta. Já quanto ao tipo de tópico, constatamos que os usos das categorias *conectivo* e *marcador discursivo* foram mais frequentes quando os tópicos eram mais íntimos dos falantes (*de maior envolvimento do falante*), em relação a tópicos que eles abordam de maneira mais distanciada (*de menor envolvimento do falante*), enquanto o *type* do esquema *nominal* apresentou muito pouca distinção de uso entre os tipos de assunto nas situações controladas. Os resultados deste trabalho, além da descrição dos usos de **tipo** em uma abordagem que dá igual relevância para suas características de forma e sentido, evidenciam que *types* e *tokens* de **tipo** são sensíveis aos efeitos estilísticos, que interferem na sua frequência, o que reforça a necessidade de se levar em conta aspectos estilísticos no estudo de construções e do processo de construcionalização.

**Palavras-chave:** Tipo. Abordagem construcional. Estilo.

## ABSTRACT

**Tipo** is inserted in a set of discourse markers usually associated with “vices of language” or informal marks, and it has been more and more frequent in the innovative uses in speech. From the linguistic point of view, these innovative uses are legitimate, play a social role, as the sociolinguistic theory advocates, and are regular as the constructional approach advocates. This study aims at describing the different uses of **tipo** as different *types* of different linguistic categories, as well as the relation of these *types* to a more formal or more informal linguistic style. For that, our theoretical framework is the constructional approach (CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), associated with the control of the style dimension in the perspective of Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]; LABOV, 2001; BELL, 1984; BELL, 2001). A sample of the speech of the community of practice Research Group on Physical Education was established, enabling the observation beyond the linguistic features to the description of the different uses of **tipo** and of stylistic features as well in order to verify the influence of the alternation between more formal and more informal styles in these uses. Then, we transcribed the data collected, extracted all the *tokens* of **tipo**, classified them according to the specified categories, and submitted each *type* identified to a descriptive statistical analysis to compute its *token* frequency. In relation to the results of the linguistic aspects, we verified: that **tipo** may come as a plural only in the nominal category undergoing a morphological change of loss of this feature in its new *types*; that **tipo** has distinct syntactic properties in its uses of the three categories, having in the *nominal* scheme the syntactic scope of a *noun phrase*, in the category *connector* scope of *linkage among noun phrases*, *linkage among clauses*, and linkage between *noun phrases* and *clauses in a nominal form*, and in the category *discourse marker* the property of being syntactically independent; and that **tipo** has distinct semantic-pragmatic values too in its different uses, having a *classification* value as *type* of the category *noun*, of *comparison* and *exemplification* in the category *connector*, and the semantic-pragmatic values of *introduction of internal dialogue*, *verbal planning*, *approximate delimitation*, *emphasis*, and *intra-topic articulation* in the category *discourse marker*. Regarding the stylistic effects, concerning the conversational situation factor, we observed that the members of the community displayed more use of the *types* of the categories *connector* and *discourse marker* in the situation of *induced interaction*, the most favorable to the emergency of its spontaneous speech, and this use decreases as the formality of the situation increases. Concerning the kind of topic, we observed that the uses of the categories *connector* and *discourse marker* were more frequent when the topics were more intimate for the speakers (more speaker’s involvement), in relation to the topics they approach in a more distant way (less speaker’s involvement), while the *type* of the *nominal* scheme presented very little distinction of use among the kinds of subject in controlled situations. In addition the description of the uses of **tipo** in an approach which grants the same relevance to its characteristics of form and meaning, the results of this study evidence that *types* and *tokens* of **tipo** are sensitive to the stylistic effects that interfere in its frequency, which reinforces the need to consider stylistic aspects in the study of constructions and of the constructionalization process.

**Key-words:** Tipo. Constructional approach. Style.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: <b>Tipo</b> em dicionário online de gírias.....	13
Figura 2: Estrutura simbólica de uma construção .....	18
Figura 3: Esquemas das microconstruções envolvendo <b>tipo</b> . ....	29
Figura 4: A derivação de interfalante para intrafalante .....	36
Figura 5: Caracterização da situação de reunião de grupo de pesquisa. ....	40
Figura 6: Caracterização da situação de entrevista sociolinguística. ....	40
Figura 7: Caracterização da situação de reunião de interação conduzida. ....	41
Figura 8: Hierarquia do Grupo de Pesquisa em Educação Física .....	43
Figura 9: Hipótese para frequência <i>token</i> dos <i>types</i> em relação à situação conversacional.....	57
Figura 10: Distribuição dos <i>types</i> inovadores quanto à formalidade da situação conversacional.....	61
Gráfico 1: Percentual do escopo sintático de <b>tipo</b> nos diferentes <i>types</i> .....	51
Gráfico 2: Percentual dos valores pragmático-discursivos de <b>tipo</b> nos três <i>types</i> .....	53
Gráfico 3: Percentual de ocorrências de <b>tipo</b> nas três categorias .....	56
Gráfico 4: Percentual de <b>tipo</b> como <i>types</i> das categorias por situação conversacionais. ....	60
Gráfico 5: Percentual dos <i>types</i> por tipo de tópico nas situações conversacionais. ....	64
Quadro 1: Acepções de <b>tipo</b> em dicionário do português brasileiro. ....	12
Quadro 2: Pontos centrais da <i>Audience Design</i> (BELL, 2001). ....	36
Quadro 3: Sistematização dos fatores controlados.....	47
Quadro 4: Distribuição dos tópicos em maior ou menor envolvimento do falante.....	62
Tabela 1: Total de <i>tokens</i> por hora de gravação da situação conversacional .....	58

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL PARA TIPO .....</b>	<b>16</b>
1.1 LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL .....	16
1.1.1 <i>Esquematicidade</i> .....	19
1.1.2 <i>Produtividade</i> .....	20
1.2 MUDANÇAS NO USO DE <i>TIPO</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	21
1.2.1 <i>Tipo como type/microconstrução da categoria nominal</i> .....	22
1.2.2 <i>Tipo como type/microconstrução da categoria conectivo</i> .....	24
1.2.3 <i>Tipo como type/microconstrução da categoria marcador discursivo</i> .....	25
1.3 ESQUEMATICIDADE DE TIPO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	29
<b>2 TIPO EM COMUNIDADE DE PRÁTICAS: ESTILOS EM SITUAÇÕES CONVERSACIONAIS .....</b>	<b>31</b>
2.1 SOCIOLINGÜÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE .....	31
2.2 ESTILO.....	33
2.2.1 <i>Atenção à fala</i> .....	34
2.2.2 <i>Audience Design</i> .....	35
2.3 ESTILO EM DIFERENTES SITUAÇÕES CONVERSACIONAIS .....	39
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>42</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE PRÁTICAS .....	42
3.1.1 <i>Gravação de reuniões</i> .....	44
3.1.2 <i>Entrevistas sociolinguísticas</i> .....	45
3.1.3 <i>Interações conduzidas</i> .....	45
3.2 TRATAMENTO DA AMOSTRA DOCUMENTADA.....	46
3.3 FATORES CONTROLADOS .....	47
3.4 TRATAMENTO DOS DADOS .....	47
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>49</b>
4.1 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DOS <i>TYPES</i> .....	49
4.1.1 <i>Pluralização</i> .....	49
4.1.2 <i>Escopo sintático</i> .....	50
4.1.3 <i>Valor semântico-pragmático</i> .....	53
4.2 DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS <i>TYPES</i> NA COMUNIDADE ESTUDADA.....	56
4.3 DISTRIBUIÇÃO DOS <i>TYPES</i> EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO CONVERSACIONAL.....	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO .....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO B – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE.....</b>	<b>78</b>
<b>ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO D – CARTÕES DE INTERAÇÕES .....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO E – NORMAS ADOTADAS PELO GRUPO DE ESTUDOS EM LINGUAGEM INTERAÇÃO E SOCIEDADE (GELINS) PARA A REALIZAÇÃO DE TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA .....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

Uma característica dos seres humanos é fazer uso criativo da língua, sendo comum em sua fala, e até mesmo em sua escrita, o uso de elementos não previstos nas gramáticas, como é o caso dos marcadores discursivos, que, devido à falta de prescrição gramatical, são “estigmatizados, sendo muitas vezes considerados um ‘vício de linguagem’ ou um ‘cacoete linguístico’” (FREITAG, 2007, p. 23). No entanto, consideramos que termos como ‘vício’, ‘cacoete’, ou ‘gíria’ não são adequados, uma vez que não há nada que configure esses elementos como inferiores a quaisquer outros prescritos em instrumentos normativos, pois eles não são caóticos, assim como nada na língua é: eles têm regularidade e sistematicidade, o que os configura como também pertencentes à gramática.

Dentre o conjunto de marcadores discursivos que são popularmente rotulados como vícios de linguagem ou marcas de informalidade está a palavra **tipo**, que tem sido cada vez mais frequente na fala em usos inovadores. Neste trabalho, defendemos que estes usos inovadores, do ponto de vista linguístico, são legítimos e cumprem uma função social, como preconiza a teoria sociolinguística, e são regulares, como preconiza a abordagem construcional.

No excerto (1), em um único turno de fala, há quatro ocorrências de **tipo**, cada uma com suas especificidades morfosintáticas e semântico-pragmáticas, e nenhuma delas correspondente aos seus usos previstos em dicionários, como podemos comparar, no quadro 1, com o verbete apresentado para **tipo** em um dicionário do português brasileiro.

- (1) *int.SaoCristovao2018\_leu.ms.*<sup>1</sup> **tipo** eu não tenho intimidade com algumas certas pessoas essas pessoas **tipo** me tratam de boa falando normal mas eu chamo por um apelido ou por outro se for um apelido tranquilo **tipo** Cól<sup>2</sup> é um apelido tranquilo caso não seja **tipo**... eu não vou chamar ele de alguma coisa assim que eu não tenho intimidade pra chamar

---

<sup>1</sup> As identificações presentes nos excertos da amostra constituída no âmbito do presente trabalho seguem a proposta de metadados para trilhas das normas de transcrição utilizadas nas amostras do Banco de Dados Falaes Sergipanos (FREITAG, 2013), anexo E. Assim, as três primeiras letras correspondem às três primeiras do tipo de coleta realizado, em seguida aparecem a cidade de realização da coleta e o ano, seguidos das três primeiras letras do nome do informante, da primeira letra inicial do sexo/gênero (m= masculino – f= feminino) e da letra inicial do nível de escolaridade (ensino superior = s).

<sup>2</sup> Como forma de garantir o anonimato dos membros da comunidade, bem como das pessoas as quais eles se referem, nomes e apelidos aparecem apenas em suas três primeiras letras nos excertos.

Quadro 1 – Acepções de **tipo** em dicionário do português

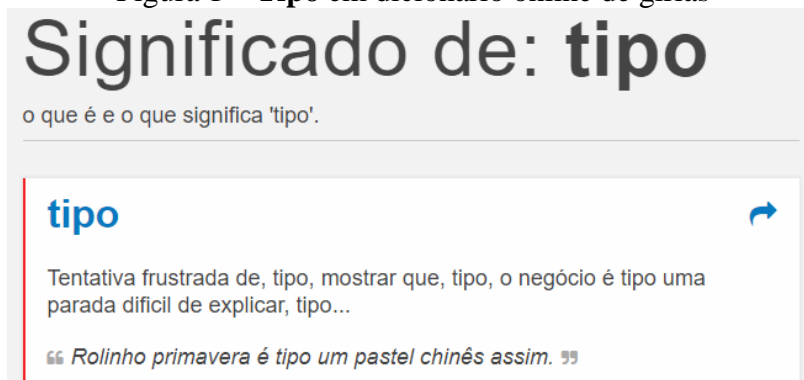
**Ti.pos. m.** **1** objeto ou coisa us. para produzir outro igual; modelo **2** categoria de seres ou objetos agrupados segundo algumas características; espécie (*carros desse t. são caros*) **3** conjunto de características de uma família, povo ou região etc. (*t. eslavo*) **4** GRÁF bloco de metal fundido ou de madeira, que traz em uma das faces, gravação em relevo de um sinal de escrita **5** GRÁF caráter ('sinal'), letra **6** inform. Qualquer indivíduo; sujeito (*era um t. gozador*)

Fonte: Houaiss e Villar (2004, p. 719)

A presença de **tipo** em dicionários reflete o fato de que apenas seu uso lexical, como substantivo, é reconhecido normativamente, mas os usos em (1) não fazem referência ou classificam entidades do mundo que, conforme Lima-Hernandes (2011) explica, é típico de seus usos substantivos e também não apresentam as características morfossintáticas dessa categoria, como a possibilidade de flexão de número e a posição de núcleo de sintagma nominal. No entanto, o fato de não se enquadrar na classe dos substantivos não significa que **tipo** se configura como vício de linguagem, ou gíria, pois diferentes estudos têm demonstrado que seus usos inovadores têm propriedades sistemáticas, que possibilitam enquadrá-los em novas categorias da gramática (BITTENCOURT, 2000; LIMA-HERNANDES, 2011, RODRIGUES, 2009; CASTELANO; LADEIRA, 2010; THOMPSON, 2009; DÓRIA; ALVES, 2014; LAURENTINO, 2016, dentre outros).

No presente trabalho, com base na abordagem construcional (CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), tomamos esse enquadramento de **tipo** em diferentes categorias como parte de um processo de mudança por meio do qual este passa por modificações no âmbito de sua forma e de seu sentido, passando, assim, a ser efetivado no uso como microconstruções (*types* individuais) de novas construções (categorias mais amplas). Nessa perspectiva, assumimos que os usos de **tipo** são *types* de três diferentes categorias: *nominal* (que recobre seu uso previsto em dicionário como substantivo), *conectivo* e *marcador discursivo*. Consideramos estes últimos como *types* inovadores, originados a partir de alterações morfossintáticas e semântico-pragmáticas no *type* da categoria *nominal*.

Os *types* inovadores de **tipo**, no senso comum, são classificados como gírias e atribuídos a contextos de fala mais informais. Na figura 1, vemos um verbete proposto para **tipo** no blog *Qual é a gíria? As gírias mais faladas do Brasil!* onde os internautas inserem expressões consideradas por eles como gírias reconhecidas no país, bem como o que eles entendem como sendo os seus significados.

Figura 1 – **Tipo** em dicionário online de gírias

Fonte: Blog Qual é a gíria? As gírias mais faladas do Brasil!<sup>3</sup>

Assim como ocorre com as do excerto (1), nenhuma dessas cinco ocorrências do dicionário de gírias, bem como o significado apresentado pelo internauta para **tipo**, condizem com as propriedades de forma e sentido do uso dicionarizado como substantivo, apresentado anteriormente. Nessa perspectiva, os usos de **tipo** além de estarem inseridos em um contexto de forma e sentido linguísticos inserem-se também em uma dimensão estilística, pois o fato de alguns deles serem considerados como gíria remete ao de que, além de seus significados linguísticos existem também significados sociais, o que pode ser observado com contribuições da sociolinguística na perspectiva do estilo que é “um agrupamento de recursos linguísticos que tem significado social” (ECKERT, 1996, p.4, tradução nossa)<sup>4</sup> para a abordagem construcional, pois esta já prevê que o contexto de uma construção envolve além de seu ambiente linguístico, como a morfologia, a sintaxe, a semântica, algumas vezes também, “o discurso mais amplo e contextos sociolinguísticos” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 196, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Diante da diversidade de usos de **tipo**, temos o seguinte questionamento: A alternância entre estilos mais formais e mais informais interfere na frequência *token* dos *types* envolvendo **tipo**? Sobre esse questionamento, temos por hipótese que a formalidade/informalidade da situação conversacional, que pode ser definida pelos tipos de tópicos abordados (LABOV, 2008 [1972]) e pela audiência/interlocutor(es) (BELL, 1984; 2001), interfere na frequência *tokens* dos *types*, de modo que os *types* inovadores (das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*), por receberem o rótulo de gíria, são mais frequentes em situações de maior informalidade, enquanto o *type* da categoria *nominal*, por ter seu uso reconhecido em dicionários de língua portuguesa como pertencente a essa categoria, não sofre influência da

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.qualeagiria.com.br/giria/tipo/>> Acesso em fev. 2019.

<sup>4</sup> A clustering of linguistic resources that has social meaning (ECKERT, 1996, p.4).

<sup>5</sup> Wider discourse and sociolinguistic contexts (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.196).

maior ou menor formalidade da situação.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é descrever os diferentes usos de **tipo** como *types* de diferentes categorias linguísticas, bem como a relação desses *types* com um estilo linguístico mais formal ou mais informal. E os objetivos específicos são: i) caracterizar os *types* envolvendo **tipo** quanto aos aspectos morfosintáticos e semântico-pragmáticos, com base na abordagem de construções; ii) apresentar a frequência *token* desses *types* na fala de uma comunidade de práticas; iii) identificar a distribuição em frequência *token* dos *types* em situações conversacionais e tópicos de maior e menor formalidade. Para tanto, o presente estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, ou Abordagem Baseada no Uso (BYBEE, 2010) na perspectiva de mudança linguística da abordagem construcional (CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e da Sociolinguística variacionista, especialmente na linha de estudos que focam comunidades de prática (ECKERT, 2006; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010[1992]; FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012) e estilo (LABOV, 2008 [1972]; 2001; BELL, 1984; 2001).

O presente estudo alinha-se ao desenvolvimento do projeto “Gênero, polidez e variação linguística”, coordenado pela professora Dr.<sup>a</sup> Raquel Meister Ko. Freitag, na medida em que se propõe a descrever diferentes usos de **tipo**, elemento pertencente a diferentes categorias dentre as quais está a de marcadores discursivos, e sua relação com o estilo de fala no âmbito de uma comunidade de práticas que, segundo Eckert e McConnell-Ginet (2010[1992], p. 102), “é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum”. O projeto, assim como este estudo, está vinculado ao Grupo de Estudos em Linguagem Interação e Sociedade, que conta ainda com outros trabalhos de descrição de elementos que atuam como marcadores discursivos como o de Freitag (2008) sobre marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE (*entende? entendeu? sabe? viu? né?*), o de Silva (2016) sobre os marcadores *entendeu? sabe?* e *viu?* em comunidade de práticas escolar, o de Santana (2018) sobre *olhe, veja e repare* em amostra de comunidade de práticas universitária, dentre outros.

A observação de usos de **tipo** em comunidade de práticas faz-se pertinente pelo fato de que, como aponta Eckert (2006), membros de uma comunidade de práticas posicionam-se como um grupo, o que compreende “a interpretação comum de outras comunidades e de sua própria prática com relação a essas comunidades e, em última análise, com o desenvolvimento de um estilo – incluindo um estilo linguístico – que incorpore essas interpretações”

(ECKERT, 2006, p. 1-2, tradução nossa)<sup>6</sup>, como também pelo fato de que permite o estudo de diferentes situações de fala, que englobam também diferentes tópicos e diferentes audiências, aspectos apresentados por Labov (2008 [1972]) e Bell (1984; 2001), respectivamente, como relevantes para alternância de estilo de fala.

Apesar de outros estudos já apresentarem propostas para sistematização dos usos de **tipo** no português brasileiro, o ineditismo deste trabalho está em considerar os usos de **tipo** sob uma perspectiva atual dos estudos funcionais, a construcional, que subsidia sua descrição quanto à forma e ao sentido, como veremos mais detalhadamente na seção 2, assim como também em atrelar o aporte teórico da Sociolinguística para observar tais usos em uma comunidade de práticas quanto a um fator de efeito estilístico, na perspectiva de produção linguística, como veremos na seção 3. A seção 4 detalha os procedimentos metodológicos para a constituição da amostra e tratamento dos dados. A seção 5 sistematiza os resultados, articulando os pressupostos apresentados nas seções 2 e 3. Por fim, tecemos as conclusões do estudo.

---

<sup>6</sup>The common interpretation of other communities, and of their own practice with respect to those communities, and ultimately with the development of a style – including a linguistic style – that embodies these interpretations (ECKERT, 2006, p. 1-2).

## 1 A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL PARA TIPO

Essa seção tem como objetivo apresentar o aporte teórico em que nos fundamentamos para caracterizar os usos de **tipo** como *types* de diferentes categorias linguísticas e sua relação com alterações em seus aspectos morfosintáticos e semântico-pragmáticos. Primeiramente, apresentamos a abordagem teórica selecionada para essa caracterização, a abordagem construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; CROFT, 2001), relacionando-a à Linguística Funcional Centrada no Uso, área na qual se insere, e discutimos os conceitos de esquematicidade e produtividade, bem como apresentamos uma breve caracterização de **tipo** do ponto de vista da composicionalidade. Em seguida, defendemos que os novos *types* envolvendo **tipo** são resultados de processos de construcionalização, os quais são detalhados. Por fim, com base na abordagem adotada e em descrições de estudos anteriores, propomos esquemas para os *types* envolvendo **tipo** no português brasileiro.

### 1.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Para explicar a mudança ocorrida em **tipo**, o presente trabalho fundamenta-se na área de estudos que, no Brasil, vem sendo chamada de Linguística Funcional Centrada no Uso, apresentada por Bybee (2016 [2010]) como Linguística Baseada no Uso (*Usage-Based Linguistics*), que se desenvolveu, conforme a autora, a partir do Funcionalismo e caracteriza-se como uma nova forma de nomear o funcionalismo norte-americano.

Essa área de estudos resulta de contribuições da Linguística Funcional e da Linguística cognitiva, considerando da primeira a análise da língua com base no uso em situações concretas e da segunda a abordagem do comportamento linguístico como parte de habilidades cognitivas relacionadas a princípios como o de categorização, e que toma as construções linguísticas como esquemas assim como os encontrados em outras capacidades não linguísticas. Essas duas correntes teóricas partilham pressupostos, como o da estreita relação entre a estrutura linguística e seu uso por parte dos falantes em situações reais de comunicação (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Assim, a Linguística Funcional Centrada no Uso

reconhece o estatuto fundamental das funções da língua na descrição de suas formas, de modo que cada entidade linguística deve ser definida com relação ao papel que ela desempenha nos processos reais de comunicação. Em razão disso, procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala e/ou de escrita, inseridos em contextos efetivo de comunicação, evitando lidar com frases criadas *ad hoc*, dissociadas de suas funções no ato comunicativo (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 15-16).



Nessa perspectiva, a premissa central dessa área de estudos é o fato de que “as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua” (BYBEE, 2016 [2010], p. 35), por isso faz-se necessário pensar em uma gramática baseada no uso, pensar a gramática “como uma organização cognitiva de experiências com a língua” (BYBEE, 2016 [2010], p. 28).

Para colocar isso em termos com os quais os linguistas estão acostumados a lidar, é necessário prover essa teoria em níveis, unidades e processos que criam novos enunciados [...] a “construção” [...] constitui uma unidade mais adequada para a representação morfológica e sintática (BYBEE, 2016 [2010], p. 28).

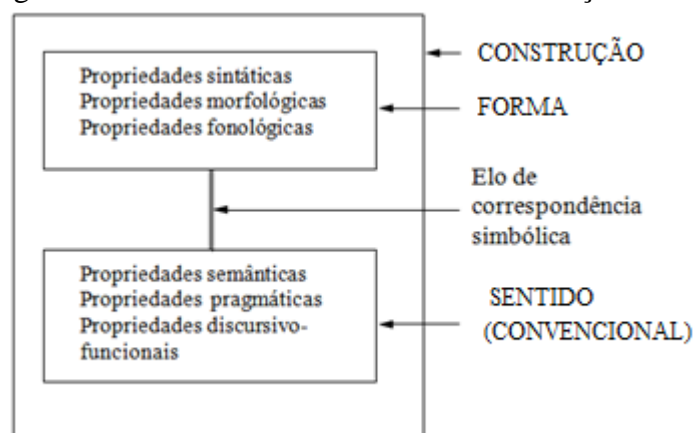
Assim, dentro dessa área de estudos, para explicar os novos usos de **tipo** em termos de suas alterações em níveis linguísticos, assumimos a perspectiva de mudança da abordagem construcional, que tem por base que “mudança é mudança no uso” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 2, tradução nossa)<sup>7</sup>.

No cenário brasileiro, estudos com base na abordagem construcional já vêm sendo desenvolvidos, como, por exemplo, o de Oliveira e Rocha (2011), que descreve as expressões *daqui vem* e *daí vem* como instanciações da construção locativo + sintagma verbal; o estudo de Arena (2015), que trata do processo de construcionalização da microconstrução *daí que*; o de Rosário e Oliveira (2016), que apresentam um estudo de caso sobre a construção conectora textual formada por pronome locativo e verbo, descrevendo o uso de suas microconstruções mais recorrentes (*aí está*, *lá está*, *aqui está*, *lá vai*, *aí vem* e *aí vai*); o estudo de Carvalho (2017), que descreve construções parentéticas epistêmicas de base clausal verbal quanto a sua esquematicidade; o estudo de Oliveira (2017), que comparou os usos de *aí está* e *aí tá* como microconstruções de um subesquema formado por pronome locativo + verbo em função conectora textual, dentre outros.

Seguindo a tendência das demais correntes de base funcionalista, Traugott e Trousdale (2013) propõem que a abordagem construcional considera a gramática como uma estrutura global na qual nenhum nível é autônomo, de modo que a fonologia, a morfossintaxe, a semântica e a pragmática trabalham em conjunto numa construção. Nessa perspectiva, uma construção é um par forma-sentido que apresenta uma estrutura simbólica composta por propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas no âmbito da forma, e propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais no âmbito do sentido, como sistematiza Croft (2001), na figura 2.

<sup>7</sup> Change is change in usage (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 2).

Figura 2 – Estrutura simbólica de uma construção



Fonte: Croft (2001, p. 18, tradução nossa)

Os pareamentos forma-sentido nos usos de **tipo** permitem considerá-lo como construção. O termo “construção” fora do âmbito construcional tem sido utilizado não como um pareamento forma-sentido, mas como sinônimo para uma frase ou constituinte, ou para o contexto sintático no qual um item gramatical se desenvolve. Tais usos mais restritos do termo ocorrem, em parte, devido à tradição das gramáticas latinas, nas quais *constructio* foi utilizado para traduzir a sintaxe grega *syntaksis*. Assim, a palavra “construção” foi associada exclusivamente à sintaxe e não ao léxico, mas a abordagem construcional estende o escopo de significado do termo para abarcar também este último (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Evidência de que **tipo** é construção decorre, por exemplo, de seu pareamento forma-sentido na categoria *nominal*, previsto em dicionário como substantivo, que, no âmbito da forma, apresenta propriedades de sintagma nominal e de elemento variável; já no âmbito do sentido, apresenta propriedades de referência a seres humanos (pessoa/indivíduo) ou, conforme explicita Lima-Hernandes (2011), a um protótipo de ser (espécie/modelo), como exemplifica o excerto 2.

- (2) *ent.SaoCristovao2018\_ine.fs.* então como eu havia dito o projeto ele ele faz com que a gente aprenda sobre as diferentes faixa etárias das pessoas... sobre os diferentes **tipos** de treinamento sobre o que seria um funcional pra as pessoas sobre o que seria a alta intensidade outros outros aspectos... então eu acho que que ele contribui muito muito muito mesmo<sup>8</sup>

Ainda de acordo com Traugott e Trousdale (2013), o pareamento forma-sentido apresenta dimensões gradientes, dentre as quais estão o tamanho, o grau de especificidade fonológica e o tipo de conceito relacionado. A dimensão do tamanho pode ser atômica

<sup>8</sup> Este excerto foi retirado da amostra Grupo de Pesquisa em Educação Física, constituída no âmbito do presente trabalho e cuja metodologia de coleta é detalhada na seção 3.

(quando uma construção é monomorfêmica); complexa (quando é constituída por blocos analisáveis) e intermediária (quando é parcialmente analisável). Já na dimensão da especificidade fonológica, uma construção pode ser substantiva (quando é fonologicamente especificada); esquemática (quando é uma abstração) ou intermediária (quando apresenta partes tanto substantivas quanto esquemáticas). E, na dimensão do tipo de conceito, uma construção pode ser de conteúdo, ou lexical (quando a construção é usada de modo referencial, correspondendo às categorias de nomes, verbos e adjetivos); procedural (quando tem significado abstrato e sinaliza relações linguísticas), ou intermediária (quando apresenta significado tanto lexical, quanto procedural) (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Quanto às dimensões, **tipo** é sempre uma construção substantiva (fonologicamente especificada; quanto às outras dimensões, apresenta-se de forma distinta em sua distribuição em diferentes *types*, podendo ser uma construção intermediária quando formada por **tipo** e o morfema de plural (-s), ou atômica (monomorfêmica) quando perde a possibilidade de pluralização; e tanto de conteúdo (como apresentado em seu uso como *type* da categoria *nominal*), quanto procedural (em seus usos apresentados adiante como *types* das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*).

Outras três propriedades são consideradas na abordagem de construções: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. Esta última “diz respeito ao grau em que a ligação entre forma e sentido é transparente” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19, tradução nossa)<sup>9</sup>, de modo que a perda dessa transparência ocasiona perda de composicionalidade. Não nos detemos nessa propriedade pelo fato de que a descrição e os exemplos apresentados pelos autores envolvem construções complexas (constituídas por blocos analisáveis), e **tipo** configura-se como uma construção intermediária, no *type* da categoria *nominal*, e atômica, nos *types* das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*; ainda assim, consideramos que, nos novos *types* (*conectivo* e *marcador discursivo*), há a perda de composicionalidade, uma vez que os sentidos transparentes e dicionarizados dão lugar a sentidos contextualmente definidos, como será apresentado em 1.2. As propriedades de esquematicidade e produtividade são detalhadas na sequência.

### 1.1.1 Esquematicidade

Traugott e Trousdale (2013), com base em Langacker (2009), afirmam que a esquematicidade corresponde à generalização de categorias, e

---

<sup>9</sup> “It concerned with the extent to which the link between form and meaning is transparent” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.19).

esquemas linguísticos são grupos abstratos, semanticamente gerais de construção, sejam procedurais ou de conteúdo [...] São abstrações entre conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como estando intimamente relacionadas entre si na rede de construção. Graus de esquematicidade dizem respeito aos níveis de generalidade ou especificidade e até que ponto as partes da rede são ricas em detalhes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14, tradução nossa)<sup>10</sup>.

No âmbito da esquemática construcional, há uma relação hierárquica de abstração na qual esquemas linguísticos estão em um nível mais alto que subesquemas, que, por sua vez, estão em um nível mais alto que microconstruções, estas últimas especificadas fonologicamente e determinadas por “construtos”, que configuram o uso que o falante faz delas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assim, podemos propor, para **tipo** como *type* da categoria *nominal*, presente em dicionários como substantivo, a seguinte esquematicidade:

*nominal* → *nome* → *tipo*

Nesta hierarquia construcional, a categoria *nominal* é a mais geral, portanto, o esquema; a categoria *nome* é mais específica que a anterior, portanto, subesquema; e **tipo** o mais específico, por isso, uma microconstrução. **Tipo** é apenas uma das microconstruções possíveis para o esquema proposto, assim como esse é apenas um dos esquemas aos quais **tipo** está associado.

### 1.1.2 Produtividade

A produtividade de uma construção tem sido relacionada à frequência de uso, que, conforme Bybee (2007), pode ser calculada considerando dois tipos de padrões, um é o de frequência de *token*, que se refere às ocorrências de uma unidade, e o outro, a frequência de *type*, corresponde à frequência de um padrão específico dessa unidade. Traugott e Trousdale (2013) equiparam “frequência de construção com frequência de *type* e frequência de constructo com frequência de *token*” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18, tradução nossa)<sup>11</sup>. A frequência *type* na abordagem construcional corresponde, então, aos diferentes tipos de uma mesma construção, e a frequência *token*, ao seu uso efetivo por parte dos falantes, uma vez que maior frequência de constructo significa aumento na frequência de uso, ou seja, os falantes utilizam uma nova construção cada vez mais. Se tomarmos como exemplo os diferentes usos da palavra **tipo** no português, podemos relacionar sua frequência *token* com

<sup>10</sup> In our view linguistic schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful (...) They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other in the constructional network. Degrees of schematicity pertain to levels of generality or specificity and the extent to which parts of the network are rich in detail (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14).

<sup>11</sup> Construction frequency with type frequency and construct frequency with token frequency (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18).

a quantidade de vezes em que ela ocorre e a frequência *type* com sua ocorrência como microconstruções de diferentes esquemas: *nominal* (como apresentado em 1.1.1), *conectivo* e *marcador discursivo*, o que configura seu uso em diferentes construções. A produtividade decorrente da relação *type/token* tem sido usada nas aproximações teóricas entre estudos de base funcionalista com estudos de orientação variacionista, como apresentam Freitag e Gonçalves (2015), como o que estamos propondo, e permite explorar a dimensão da mudança também em abordagens construcionais.

## 1.2 MUDANÇAS NO USO DE TIPO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Traugott e Trousdale (2013) distinguem dois tipos de mudanças no âmbito das construções, a mudança construcional e a construcionalização. A mudança construcional afeta características de uma construção em um dos dois âmbitos, no da forma (sintaxe, morfologia, fonologia) ou no do sentido (semântica, pragmática, discurso), mas cujas alterações não levam a uma nova construção. Já o segundo tipo de mudança é um pareamento  $\text{forma}_{\text{nova}} \leftrightarrow \text{sentido}_{\text{novo}}$ , o que leva a uma nova construção e

forma novos nós (*types*), que têm nova sintaxe ou morfologia e novo sentido codificado, na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas micro-construções também podem ser criadas gradualmente, mas também podem ser instantâneas. As micro-construções criadas gradualmente tendem a ser procedurais, e micro-construções instantaneamente criadas tendem a ser de conteúdo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Optamos por abordar no presente trabalho a construcionalização de **tipo** em seus novos usos, nos quais tanto sua forma quanto seu sentido são alterados, ocorrendo “uma mudança no sistema, ou seja, uma alteração de *type* / nó” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, tradução nossa)<sup>13</sup>. Retomando as propriedades de **tipo** em seu uso como *nominal* (propriedades de sintagma nominal e de elemento variável no âmbito da forma, e propriedades de referência a seres humanos, pessoa/indivíduo, ou a protótipo de ser, espécie/modelo no âmbito do sentido), há evidências da sua construcionalização ao compará-lo com outros usos, como no *type* da categoria *marcador discursivo*, em que ocorre mudança

<sup>12</sup> Constructionalization is the creation of  $\text{form}_{\text{new}}\text{-meaning}_{\text{new}}$  (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22).

<sup>13</sup> A change to the system, i.e. a type/node change (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22).

nas propriedades de forma, em que **tipo** passa a ser sintaticamente independente e a não mais admitir a pluralização e o uso de artigo ou pronome demonstrativo acompanhando-o, assim como também muda o seu sentido para referência não mais a seres, operando no plano da comunicação e não no plano conteudístico, como destacam Risso, Silva e Urbano (2015) sobre os marcadores discursivos. Ocorre mudança de esquematicidade neste processo de construcionalização, resultando em um esquema formado a partir da macrocategoria *marcador discursivo*, como veremos em 1.2.3.

Com base na abordagem das construções e em estudos já realizados sobre os usos de **tipo** no português brasileiro (RODRIGUES, 2009; THOMPSON, 2009; LIMA-HERNANDES, 2011; BERTOZZO, 2014; SANTOS; SILVA, 2016; LAURENTINO, 2016), apresentamos uma proposta que considera três *types*/microconstruções para **tipo**, todos com particularidades no âmbito da forma e do sentido, que serão detalhadas na sequência.

Cabe ressaltar que, na identificação dos sentidos, consideramos as chamadas funções ou contextos de uso apresentados para **tipo** pelos autores supracitados como uma propriedade do âmbito do seu sentido (valor semântico-pragmático), uma vez que, no âmbito da forma, todas apresentam propriedades de uma das três macrocategorias que serão apresentadas, distinguindo-se em seus sentidos contextualmente empregados. A assumpção de funções como sentidos tem estado presente na abordagem de construções: Oliveira (2015, p.23, grifo nosso), por exemplo, explicita essa correspondência ao afirmar que a dimensão do contexto na interface funcionalismo-cognitivism “deve dar conta da correlação entre o nível da forma (ou expressão) e o *nível do sentido (ou função)* na pesquisa dos usos linguísticos”. Nessa perspectiva, detalhamos, na sequência, as propriedades da forma (pluralização e escopo sintático) e do sentido (valor semântico-pragmático) de **tipo** como *type* de três categorias.

### 1.2.1 Tipo como *type*/microconstrução da categoria nominal

Perini (2010) apresenta a categoria dos nominais como a das palavras que podem: i) ser constituinte imediato de um sintagma nominal (núcleo, modificador, ou os dois); ii) ter gênero; iii) ter número marcado em –s; e iv) ter potencial referencial. No interior dessa classe, o autor inclui a categoria dos *nomes*, que engloba as classes tradicionalmente chamadas de substantivo e adjetivo, e cujos membros têm como características o fato de co-ocorrerem com determinantes e que muitos deles têm potencial referencial, qualificativo ou os dois.

Como *type* da categoria *nominal*, consideramos os usos de **tipo** pertencentes ao esquema *nominal* e aos subesquema *nome*, nos quais a referida microconstrução apresenta suas propriedades presentes em dicionário, sendo, no âmbito da forma, possível de ser

pluralizada e tendo escopo sintático de sintagma nominal e, no âmbito do sentido, apresentando valor semântico-pragmático de referenciador, ou de classificação (cf. LIMA-HERNANDES, 2011).

Em seu estudo, Lima-Hernandes (2011) sistematiza e compara acepções de dicionários brasileiros dos anos de 1950, 1996, 1986, 1992 e 2001 e constata “uma ampliação sistemática dos sentidos atribuídos à palavra *tipo* no decorrer dos anos, o que vem a comprovar os deslizamentos semânticos operados pelos falantes” (LIMA-HERNANDES, 2011, p. 80, grifos no original). A autora distingue dois usos substantivos de **tipo**, o referenciador, em que **tipo** pode ser parafraseado como “pessoa” e apresenta propriedades de referência a entidades concretas; e o classificador, decorrente de uma generalização, um dos universais de mudança linguística, segundo o qual há uma “extensão do significado de um item a outros campos semânticos” (LIMA-HERNANDES, 2010, p.57), por meio da qual ocorre perda de especificidade e aumento da abstratização, uma vez que **tipo** como classificador não retoma um ser ou um indivíduo, mas sim um protótipo de ser, sendo parafraseável por “espécie, modelo” (LIMA-HERNANDES, 2011).

Em (3), retirado de Lima-Hernandes, e em (4), excerto de nossa amostra, temos *tokens* nos quais **tipo** apresenta-se como *type* da categoria *nominal*. Em (3) **tipo** apresenta, no âmbito da forma, a possibilidade de pluralização (dois **tipos** humanos) e o escopo sintático de sintagma nominal, sendo determinado por *um* e modificado por *humano*, e, no âmbito do sentido, como descreve Lima-Hernandes (2011), pode ser parafraseado por *pessoa*, fazendo referência a uma entidade concreta, o amolador de facas.

- (3) Eles equilibravam aquele... pau nas costas com os dois cestos... vendiam frutas na porta... peixe na porta... tinha também o amolador de facas... que era um **tipo** humano muito interessante... e tinha o tripeiro que isso... me disseram que ainda existe até hoje lá na Tijuca... ou no subúrbio (E002 – NURC – recontato)

No excerto (4), **tipo** também apresenta possibilidade de pluralização (naqueles **tipos** de resenha) e escopo sintático de sintagma nominal, sendo determinado por *aquele* e complementado por *de resenha*, mas do ponto de vista semântico-pragmático a paráfrase possível é por *espécie*, e **tipo** passa a indicar que há uma classe de resenhas (neste caso, brincadeiras) realizadas entre amigos.

- (4) Int.SaoCristovao2018\_Gab.fs. eu acho que nem contei isso cara eu acho que devo ter contado pra alguém deve ter mas um amigo nosso meu e de Leu de infância porra a gente cresceu junto e tal tipo todo fim de semana a gente juntava a galera juntava os brothers todo e ia pra casa de Leu pra jogar videogame assistir um filme falando besteira entendeu? e aí esse brother aí eu nunca tinha visto ele com mulher nenhuma e um certo dia a gente na porta Leu trocando resenha e aí a gente foi tirar onda "pô e aí velho? é num sei quem

namorando num sei quem namorando você já decidiu o quê que você quer da sua vida? e há um tempo atrás você desenhou o símbolo da bissexualidade no na mão e aí você sabe o que você quer afinal de contas?" naquele **tipo** de resenha de brother bem molecão babacão e o moleque para olha para cara da gente "não pô já decidi sou gay mesmo" (...)

Assim, os dois excertos apresentados distinguem-se nas propriedades semântico-pragmáticas de **tipo**. Essas diferenças semântico-pragmáticas no âmbito de **tipo** no *type* situado no interior da categoria *nominal*, assim como nos demais, configuram-se como processos de mudança construcional e não levam a novos *types*, pois se situam no nível do sentido, e não apresentam o par  $\text{forma}_{\text{nova}} \leftrightarrow \text{sentido}_{\text{novo}}$  necessário ao processo de construcionalização, que, conforme Traugott e Trousdale (2013), gera novos nós/*types* na rede linguística dos falantes.

Quanto à produtividade desse *type* em frequência *token*, somando as seis ocorrências de **tipo** identificadas por Lima-Hernandes (2011) como substantivo referenciador e as 98 como substantivo classificador, tem-se um total 104 *tokens* da microconstrução em análise como *type* da categoria *nominal*, de um total de 186 de **tipo** em duas amostras de fala, uma pertencente ao projeto Norma Linguística Urbana Culta – NURC e outra ao Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL, ambas compostas por entrevistas com falantes cariocas (a primeira com 11 informantes contatados na década de 1970 e o segundo com 16 informantes contatados na década de 1980, ambas contando com entrevistas de recontato dos informantes, aproximadamente, dezessete anos depois). Esse estudo foi o único no qual foi possível observar a frequência *token* de **tipo** nesse *type*, pois os demais trabalhos não consideram as ocorrências de **tipo** em sua categoria originária, apenas usos não dicionarizados, como veremos adiante.

### 1.2.2 Tipo como *type*/microconstrução da categoria conectivo

Como *type* da categoria *conectivo*, **tipo** instancia-se no esquema *conectivo* e no subesquema *subordinativo* e configura-se em uma construção na qual, conforme Perini (1995, p.333), aos conectivos subordinativos acrescenta-se “um sintagma nominal ou oração, formando um sintagma maior que pertence a outra classe que não o sintagma ou oração”. Em (5) e (6), temos dois usos de **tipo** como *type* da categoria *conectivo*.

Em (5), **tipo** não mais admite a pluralização e apresenta escopo sintático de ligação, neste caso, entre sintagmas nominais, pois se acrescenta a um sintagma nominal (*problemas físicos*), ligando-o a outros sintagmas (*joelho*, *articulação*), e, quanto a seu valor semântico-pragmático, estabelece uma relação de *exemplificação* entre os sintagmas conectados, de modo que *joelho* e *articulação* passam a ser exemplos de *problemas físicos*.



- (5) *ent.SaoCristovao2018\_ioh.fs*. posto vídeo na internet sem base nenhuma e vou lá e posto um vídeo dizendo que vai funcionar e aí você e sua amiga assiste aquele vídeo “vamos fazer” eh você tem problemas físicos **tipo** joelho articulação n-num sei tem problemas e sua amiga não tem pode ser que com ela funcione e pode ser que com você piore uma situação entendeu?

No excerto (6), **tipo** também não admite pluralização e apresenta escopo sintático de ligação, neste caso entre orações, uma vez que se acrescenta a uma oração (*ele é tão responsável*), ligando-a a outra (*seu irmão [é]*). Nesse uso, **tipo** distingue-se em valor semântico-pragmático do apresentado em (5) pelo fato de vincular uma relação de *comparação* entre essas duas orações, estabelecendo uma relação comparativa entre *ele*, que o contexto maior da situação conversacional aponta ser o namorado da falante, e o *irmão* de sua interlocutora.

- (6) *int.SaoCristovao2018\_mar.fs*. mas ao mesmo tempo tem uma responsabilidade cara o bicho trabalha tanto tanto ele é tão responsável é **tipo** o seu irmão assim sabe? vai vai formar agora mas já tem um carro não que mo- bem material seja seja importante mas no fato da organização dele ele é muito organizado

Em relação à produtividade desse *type* em frequência *token*, Lima-Hernandes (2011) identificou 35/186 ocorrências de **tipo**, somando as 11 de conjunção comparativa e as 24 de preposição exemplificativa. Já Rodrigues (2009) identificou 13 *tokens* entre 88 usos de igual, **tipo** e feito como conectivos comparativos em três corpora distintos: o *corpus* D&G, composto por amostras de fala e escrita; o *corpus* do projeto VARPORT, composto por amostras de fala e escrita do português brasileiro e europeu dos séculos XIX e XX; e o *corpus* de jornais e boletins da Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laurentino (2016), por sua vez, identificou 42/194 *tokens*, somando os 10 do que a autora chamou de função morfossintática de comparação e os 32 do que ela classificou como função morfossintática de exemplificação, em 4 entrevistas sociolinguísticas com jovens natalenses. Já Santos e Silva (2016), ao analisarem 48 entrevistas de falantes de João Pessoa/PB pertencentes ao *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba - VALPB, identificaram apenas 9 *tokens* dos usos comparativos de **tipo** nesse *type*. E Bertozzo (2014) encontrou 49 *tokens*, identificados pelo autor como articuladores, de um total de 89 de **tipo** em seu *corpus* de 12 entrevistas sociolinguísticas da Amostra do Projeto Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina.

### 1.2.3 Tipo como *type*/microconstrução da categoria marcador discursivo

Como *type* da macrocategoria *marcador discursivo*, **tipo** instancia-se no esquema *marcador discursivo* e nos subesquemas *interacional* e *sequenciador* e configura-se como

construção que, conforme Risso, Silva e Urbano (2015), apresenta traços como exterioridade em relação ao conteúdo proposicional, independência sintática, não autossuficiência comunicativa, podendo apresentar maior articulação tópica ou maior orientação interacional. Com base na distinção entre marcadores interacionais e sequenciadores proposta por Risso, Silva e Urbano (2015), **tipo** apresenta maior articulação tópica quando ocorre no subesquema *sequenciador*, que sinaliza articulações textuais; e apresenta maior orientação interacional quando é instanciada pelo subesquema *interacional*, que sinaliza relações interpessoais.

Em (7), temos um uso da microconstrução **tipo** como *type* da categoria *marcador discursivo*, em que perde a propriedade de pluralidade, assim como ocorre no *type* da categoria *conectivo*, não mais admitindo a flexão de número, e em que, em termos de escopo sintático, passa a ser sintaticamente independente. Neste caso, **tipo** insere-se no subesquema *sequenciador* pelo fato de sinalizar relações textuais, relação do falante com seu próprio texto, e tem valor semântico-pragmático de *articulação intratópica*, uma vez que é utilizado para introduzir informações que dão seguimento ao tópico automotivação no relacionamento amoroso, abordado pela interlocutora.

- (7) *int.SaoCristovao2018\_mar.fs.* mas assim cê tem que tá sempre se reinventado sabe? eu acho que a melhor capacidade que um ser humano pode ter é de automotivação... é algo muito difícil **tipo** acontece principalmente automotivação quando acontece uma merda literalmente uma merda que te deixa assim ah cê esperava tal coisa e PÁ num acontece aquela coisa e cê fica assim

Consideramos o valor de *articulação intratópica* com base na função apresentada por Risso (2015, p.418) para *então*, na qual o marcador atua “na progressão tópica, seja no encaminhamento ou no fecho do tópico, seja na retomada tópica após inserção”. Sob este rótulo, inserimos também o uso descrito por Laurentino (2016, p. 5) como de sequenciação, nos quais **tipo** “indica a continuidade do discurso, sequenciando partes do texto e mantendo um elo entre elas, e pode substituir conectores como *e* e *e aí*”.

Em (8), assim como em (7), a microconstrução apresenta impossibilidade de pluralização e independência sintática e insere-se no subesquema *interacional* por estabelecer orientação interacional com o estabelecimento de uma sinalização do falante para seu interlocutor com valor semântico-pragmático de *planejamento verbal*; ou seja, **tipo** é utilizado para que o falante mantenha contato com seu interlocutor ao mesmo tempo em que planeja sua fala.

- (8) *int.SaoCristovao2018\_ine.fs.* aí eu já enchi o olho de lágrima ele “você vai chorar não chore aqui” e ele bem sério porque ele é sério ele num consegue se... **tipo** desfazer daquela pessoa durona que ele é... e eu acho que se eu chorasse ali eu acho que ele num ia saber nem o que fazer

O valor semântico-pragmático de *planejamento verbal* foi considerado com base na função de planejamento verbal de marcadores discursivos, que ocorre quando há uma

busca simultânea de manutenção de contato e de tempo para organização textual do falante, podendo normalmente aparecer precedidos de pausa, pois possibilitam ao locutor um breve instante de reflexão, decorrente da busca das palavras que melhor expressem as informações que devem ser transmitidas (ROST, 2002, p. 63).

A função de planejamento verbal não foi descrita com esse rótulo nos estudos prévios sobre **tipo**. Neste estudo, consideramos o valor semântico-pragmático de *planejamento verbal* quando a microconstrução, de alguma forma, dá pistas de que o falante está estruturando o seu texto enquanto interage com seu interlocutor; por isso, inserimos no escopo de planejamento verbal as seguintes funções apresentadas por Laurentino (2016): marcação de imprecisão informacional, que ocorre “quando o falante hesita quanto à precisão da informação que está transmitindo”, tendendo “a passar a um processo de recuperação de memórias e planejamento” (LAURENTINO, 2016, p.60); marcação de elaboração, em que **tipo** atua na manutenção do turno enquanto o falante realiza o planejamento e elaboração do seu texto; e marcação de reelaboração, em que **tipo** retifica a ideia anterior, o que consideremos que também é indício de que o falante está planejando seu texto enquanto fala. Consideramos, ainda, como valor semântico-pragmático de *planejamento verbal* o que Bertozzo (2014, p.80) apresenta como contexto pragmático-interativo em que o uso de **tipo** se dá “para pensar e planejar o que pretende dizer (PRAGMÁTICO) e voltar a interagir com o interlocutor (INTERATIVO)”.

No subesquema *interacional*, **tipo** apresenta ainda os valores semântico-pragmáticos *delimitação aproximativa*, *introdução de diálogo interno* e *ênfase*. Em (9), **tipo** não tem possibilidade de receber o morfema de plural (-s) e é sintaticamente independente, mas tem valor semântico-pragmático de *delimitação aproximativa*, pois sinaliza uma imprecisão em relação ao tempo em que a falante ficaria de repouso caso realizasse a cirurgia.

- (9) *int.SaoCristovao2018\_mar.fs*. [...] o problema é que não é a cirurgia que eu tenho medo o problema é o tempo de recuperação minha vida é muito corrida pra ficar **tipo** um mês de muleta

Esse valor de **tipo** segue o que Lima-Hernandes (2011, p.69) apresenta como função de delimitador aproximativo, que “sinaliza a imprecisão da informação expressa na cadeia sintagmática seguinte” e é possível de ser parafraseada, em alguns casos, por expressões como “quase” e “por volta de”.

Cabe destacar que, apesar da proximidade entre os conceitos apresentados para o valor semântico-pragmático de *delimitação aproximativa* e para a função de marcador de

imprecisão informacional, apresentada por Laurentino (2016) e inserida no âmbito do presente trabalho no valor de *planejamento verbal*, estes foram considerados como distintos por **tipo** com valor de delimitação aproximativa ter possibilidade de ser parafraseado por expressões que também indicam proximidade, o que não ocorre na imprecisão informacional em que **tipo** se daria em um contexto de hesitação que evidencia o planejamento verbal.

No excerto (10), **tipo** também não apresenta a característica de pluralização e não apresenta relação sintática com a estrutura oracional na qual é empregada, mas tem um valor semântico-pragmático diferente dos já apresentados, o valor de *introdução de diálogo*, pois é utilizado pelo falante para sinalizar que o segmento posterior é um discurso reportado.

- (10) eu vejo muito cara barreando **tipo** “pô ah viado vem dar em cima de mim que sei lá o que” velho ele é uma pessoa assim como você e ele tem todo o direito de dar em cima de quem ele quiser se ele for respeitoso também ao fazer isso a partir do momento que ele perceber que a pessoa não teve interesse ele tem que ou talvez insistir da forma certa ou parar de insistir simples assim é do mesmo jeito que você vai numa balada e tá dando em cima de uma menina

Consideramos esse valor semântico-pragmático com base na função apresentada por Laurentino (2016, p.4) como introdução de diálogo interno, em que **tipo** “introduz um discurso direto de diálogo interno, ou seja, um pensamento não verbalizado, que pode ser hipotético”. Consideramos todos os casos em que **tipo** introduz discursos diretos, tanto reportados de situações verídicas, quanto os propostos pela autora, que se referem a situações de falas hipotéticas.

No excerto (11), as propriedades do âmbito da forma de **tipo** já apresentadas para esse *type* são as mesmas, pois a realização pluralizada (**tipos** amigo de infância/ **tipos** amigos de infância) não é possível e a ausência de **tipo** não causaria prejuízo sintático (me levou pra conhecer os melhores amigos dele, amigo de infância). Quanto ao sentido da microconstrução, o valor semântico-pragmático é de ênfase, pois a falante utiliza **tipo** para realçar o segmento posterior, que, por sua vez, realça o que é dito anteriormente, dando a ideia de que ela foi apresentada no terceiro encontro não a quaisquer amigos, mas sim aos amigos de infância dele.

- (11) *int.SaoCristovao2018\_mar.fs.* no terceiro encontro que a gente foi ele me me levou pra conhecer os melhores amigos dele **tipo** amigo de infância... e ele me levou e uma eu nunca esqueço que a namorada de um desses amigos falou assim pra mim "cara os meninos sempre trazem namoradinha ficante de boas e apresentam... eu nunca vi nesses quatro anos que eu namoro com meu namorado Vit trazendo ninguém... sabe o que é ninguém?"

Esse valor semântico-pragmático foi considerado com base no que é descrito por Laurentino (2016, p.5) como função de ênfase, na qual **tipo** “sinaliza e dá realce ao que se diz

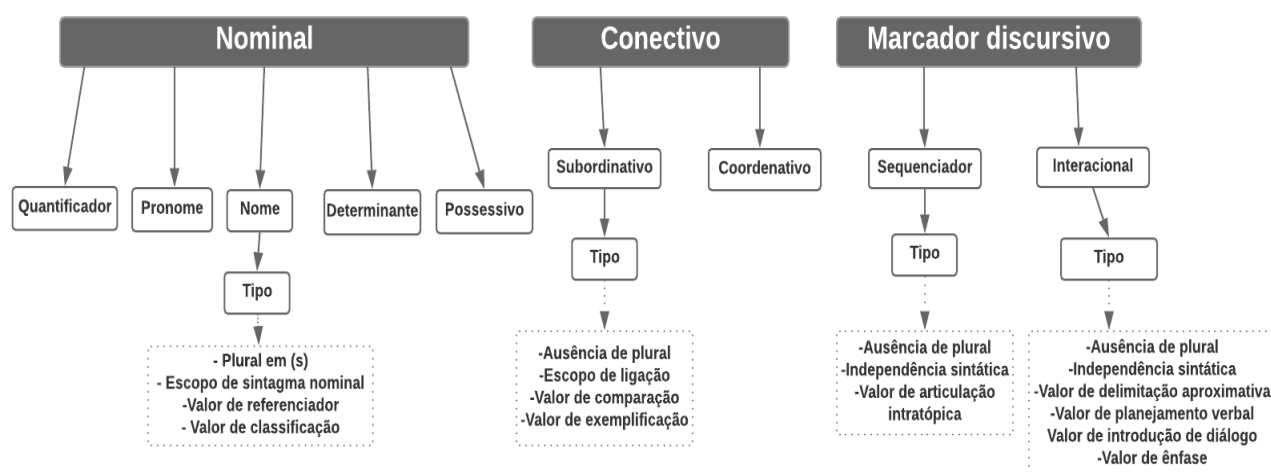
em seguida”, podendo o segmento posterior à microconstrução apresentar uma entonação enfática.

Sobre a produtividade em frequência *token* de **tipo** como *type* da categoria dos marcadores discursivos, Laurentino (2016) identificou 134/194 ocorrências no que ela chamou de funções discursivas; Lima-Hernandes (2011) identificou 29/186; e Bertozzo (2014) encontrou 40/89 *tokens* identificados como marcador discursivo.

### 1.3 ESQUEMATICIDADE DE TIPO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Com bases nos *types* elencados a partir de estudos sobre os usos de **tipo** no português, propomos a inserção de **tipo** em esquemas de três categorias linguísticas: *nominal*, *conectivo* e *marcador discursivo*. No esquema *nominal*, **tipo** ocorre no subesquema *nome*. No esquema *conectivo*, aparece no subesquema *subordinativo*. E no esquema *marcador discursivo*, ocorre nos subesquemas *interacional* e *sequenciador*, figura 3.

Figura 3 – Esquemas das microconstruções envolvendo **tipo**



Fonte: Elaboração própria

Diante da diversidade de *types* envolvendo **tipo**, que envolve desde usos registrados em dicionários, o da categoria *nominal*, a usos ainda não previstos em instrumento normativo, como os da categoria *conectivo*, e também uso em que a própria categoria não é reconhecida pelas gramáticas normativas, como os de *marcador discursivo*, surge o seguinte questionamento: A alternância entre estilos mais formais e mais informais interfere na frequência *token* dos *types* envolvendo **tipo**? Um estudo em comunidade de práticas, local que possibilita a observação de **tipo** no interior das práticas de indivíduos que, conforme Eckert e McConnell-Ginet (2010[1992]), compartilham valores, relações de poder e modos de falar particulares, bem como a observação desses indivíduos em diferentes situações

conversacionais pode ajudar a desvelar esta questão.

## 2 TIPO EM COMUNIDADE DE PRÁTICAS: ESTILOS EM SITUAÇÕES CONVERSACIONAIS

O objetivo desta seção é apresentar o aporte teórico utilizado para verificar a relação dos *types* envolvendo **tipo** com um estilo linguístico mais formal ou mais informal. Para tanto, inicialmente, apresentamos o aporte teórico da Sociolinguística variacionista em suas três ondas, conforme a proposta de Eckert (2012), dando ênfase à terceira onda, que tem foco no estilo linguístico dos falantes e na construção de suas identidades sociais no âmbito de comunidades de práticas. Em seguida, apresentamos dois modelos propostos para o estudo do efeito estilístico da situação conversacional nos diferentes usos de **tipo**, o de Atenção à fala (LABOV, 2008 [1972]) e o *Audience Design* (BELL, 1984; BELL, 2001). Por fim, propomos três situações conversacionais, caracterizando-as no âmbito das abordagens de estilo adotadas, para estudo dos diferentes *types* numa perspectiva que considere sua ocorrência atrelada a um contexto além do linguístico.

### 2.1 SOCIOLINGUÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Campo emergente na Linguística a partir da década de 1960, a Sociolinguística propõe-se ao estudo da língua em seu contexto social (LABOV, 2008 [1972]). Como todo campo do conhecimento, está em constante evolução, e, conforme propõe Eckert (2012), os estudos desenvolvidos nessa área podem ser definidos em três ondas; a abordagem em ondas tem sido recentemente assumida nos estudos sociolinguísticos do Brasil (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG, 2015a; MENDES, 2017). A primeira onda assume a hierarquia socioeconômica e a relaciona à mudança linguística: pressões no interior do sistema linguístico afetam, primeiramente, a fala de indivíduos menos sujeitos à influência da língua padrão e se estendem até indivíduos mais resistentes à mudança. Nos estudos de primeira onda, os indivíduos são selecionados para a pesquisa sociolinguística com base em seu agrupamento em categorias sociais predeterminadas presentes na comunidade, o que, de acordo com Eckert (2012, p. 90, tradução nossa), faz com que os estudos de primeira onda interpretem “o significado social da variação com base em uma compreensão geral das categorias que serviram para selecionar e classificar falantes, e não através do conhecimento direto dos próprios falantes e de suas comunidades”<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> The social significance of variation on the basis of a general understanding of the categories that served to select and classify speakers rather than through direct knowledge of the speakers themselves and their communities (ECKERT, 2012, p. 90).

Já os estudos da segunda onda da sociolinguística assumem uma abordagem mais etnográfica, pois destacam o vernáculo como expressão de identidade local ou de classes; nesses estudos são feitas conexões entre categorias sociais e configurações e categorias locais que lhes dão sentido. Assim, os estudos de segunda onda também focam categorias estáticas de falantes e assemelham a identidade à vinculação a categorias.

E os estudos de terceira onda, ainda conforme Eckert (2012, p. 97, tradução nossa), enfatizam a prática estilística, considerando os padrões de variação como parte da produção estilística da diferenciação social e não apenas como desdobramento da posição estrutural do falante. Desse modo, tais estudos configuram “os falantes não como portadores passivos e estáveis da variedade linguística, mas como agentes estilísticos, adaptando estilos linguísticos em projetos contínuos e duradouros de autoconstrução e diferenciação”<sup>15</sup>.

Os estudos de terceira onda apresentam também, como destacam Freitag, Martins e Tavares (2012), uma mudança no foco de comunidade de fala – que, conforme Labov (2008 [1972]), é definida pela participação dos indivíduos em um conjunto de regras compartilhadas – para comunidade de práticas, que, conforme Eckert e McConnell-Ginet (2010[1992]), é definida como um conjunto de pessoas engajadas em torno de um empreendimento em comum, que no decorrer de uma atividade conjunta regular desenvolvem visões, valores, relações de poder, modos de falar particulares. Os participantes de uma comunidade de práticas apresentam-se como um grupo, que partilha de interpretação comum sobre outras comunidades e sobre sua própria prática em relação a essas comunidades, desenvolvendo um estilo particular, inclusive linguístico, que perpassa essas interpretações. Assim, ao invés

de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos focar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010[1992], p.103).

Assim, propomo-nos a analisar a relação entre diferentes usos de **tipo** e seus efeitos estilísticos, uma vez que seus novos *types* têm sido considerados como gírias por serem empregados por falantes mais jovens e, conforme Eckert (2003, p. 114, tradução nossa), o termo gíria é

comumente usado para se referir à inovação lexical por grupos deslegitimizados - entre eles adolescentes -, o que implica uma diferença qualitativa de outros tipos de inovação lexical. Embora a gíria seja comumente pensada em termos de palavras

---

<sup>15</sup>Speakers not as passive and stable carriers of dialect, but as stylistic agents, tailoring linguistic styles in on going and lifelong projects of self-construction and differentiation (ECKERT, 2012, p. 97).



individuais, geralmente também faz parte de um estilo<sup>16</sup>.

Sobre o fato de **tipo** ser considerado como gíria, Lima-Hernandes (2011) destaca que há “um mito da gíria” em relação, principalmente, ao seu uso como marcador. Mas ela ressalta que não é válido atrelar esses usos inovadores, limitadamente, a pouca idade e escolaridade, uma vez que os falantes que apresentam aderência a eles são os que mantêm vínculos sociais intensos propiciados, inclusive, pela escola. Desse modo, faz-se pertinente observar se há fatores estilísticos relacionados à ocorrência de **tipo** nesse *type*, assim como nos demais, e como se dá seu uso no âmbito de uma comunidade de práticas. Como apresentaremos na seção de procedimentos metodológicos, a comunidade de práticas sob análise é universitária, cujos membros estão reunidos em torno da prática de pesquisa acadêmica, o que possibilita a observação de, dentre outras situações conversacionais, uma totalmente voltada para sua prática enquanto comunidade, e socialmente considerada como situação formal (reunião de pesquisadores para discussão sobre pesquisas acadêmicas), mas com momentos de informalidade.

A distribuição dos *tokens* em função dos diferentes *types* envolvendo **tipo**, em associação a aspectos estilísticos, como a situação conversacional na qual os falantes estão inseridos, podem desvelar contextos linguísticos e extralinguísticos de emergência dos diferentes *types*. Assim, na presente seção, temos como foco o estilo dos falantes.

## 2.2 ESTILO

Dentre os conceitos socialmente conhecidos e presentes em dicionários para as palavras “formal” e “informal”, há acepções relacionadas ao comportamento linguístico de falantes, sendo “formal” o que segue as regras da gramática normativa e não usa palavras coloquiais, familiares, ou gírias; o que é culto, e informal o não formal, a falta de formalidade (HOUAISS; VILLAR, 2009). Nos estudos sociolinguísticos, o *status* de mais formal, ou mais informal é atribuído a um traço linguístico com base em sua relação com perfis de contexto de uso e com todo o conjunto de fatores que podem influenciar para que tal traço seja ou não selecionado pelo falante, como: se é uma entrevista de emprego, ou uma conversa com um amigo; se é uma narração de um episódio vivenciado ou uma argumentação em defesa de um ponto de vista; se o assunto tratado é uma viagem de férias, ou a situação política do país. O falante alterna entre usos linguísticos mais formais e mais informais com base em todo o

---

<sup>16</sup>Commonly used to refer to lexical innovation by delegitimized groups—among them adolescents—implying a qualitative difference from other kinds of lexical innovation. Although slang is commonly thought of in terms of individual words, it is generally also part of a style (Eckert, 2003, p. 114).

contexto no qual a sua fala está inserida, e essa alternância pode ser vista em termos de alternância de estilo. Como define Labov (2008[1972], p.243), “não existe falante de estilo único, mas todo falante que encontramos exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico”.

Nesse contexto amplo no qual a fala de um indivíduo é inserida e que influencia seus usos linguísticos, inserem-se também seus diferentes ouvintes e seu desejo de marcar uma identidade social, estabelecendo uma relação de identificação com tais ouvintes, ou com algum outro grupo. Nessa perspectiva, “o contexto de estilo é um falante - uma primeira pessoa, um eu, um ego, uma identidade ou identidades – juntamente com a situação em que ele está” (BELL, 2001, p. 139, *tradução nossa*)<sup>17</sup>.

Para a caracterização dos *types* envolvendo **tipo** quanto ao estilo dos falantes, fundamentamos o presente trabalho em concepções trazidas por dois dos modelos desenvolvidos para estudo do estilo que consideram que o falante atenta ao alternar seu estilo: a sua própria fala, com especial ênfase na situação na qual essa fala está inserida (se formal, ou informal) na abordagem de Atenção à fala (LABOV, 2008 [1972]); e ao seu ouvinte, com ênfase na identificação do falante com determinados grupos na *Audience Design* (BELL, 1984; 2001).

### 2.2.1 Atenção à fala

O modelo de atenção à fala parte da premissa de “que os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestado à fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 243), sendo o monitoramento da própria fala o modo mais importante pelo qual se exerce essa atenção, de modo que a fala mais formal é aquela na qual o indivíduo está prestando maior atenção, fala monitorada [*careful speech*], e a mais informal aquela na qual nenhuma atenção à fala é prestada, fala casual [*casual speech*] (LABOV, 2008 [1972]).

Labov (2008 [1972]) apresenta contextos nos quais a fala monitorada [*careful speech*] e a fala casual [*casual speech*] podem ser observadas no interior de uma entrevista sociolinguística, sendo a primeira, a fala monitorada [*careful speech*], observada no contexto definido como *situação da entrevista*, em que o falante responde perguntas reconhecidas formalmente como parte da entrevista sociolinguística; no contexto *estilo de leitura* no qual se pede ao informante a leitura de texto com o fenômeno fonológico estudado; no contexto de *lista de palavras*, que se dá pela pronúncia de palavras isoladas; e no contexto de *pares*

---

<sup>17</sup> The context of style is a speaker – a first person, an I, an ego, an identity or identities –together with the situation she or he is in – however we may believe that situation subsists or is defined (BELL, 2001, p. 139).

*mínimos* em que é solicitada a pronúncia de pares de palavras que tenham um único elemento diferenciador, sendo esses contextos apresentados em uma escala de atenção prestada à fala na qual o último, o contexto de *pares mínimos*, é o mais monitorado, pois é o que requer maior atenção.

Já a observação da fala casual [*casual speech*] na entrevista sociolinguística dá-se por meio do contexto de *fala fora da entrevista formal*, que corresponde a falas do informante em momentos como o anterior ao início da entrevista, uma interrupção para oferecer uma bebida e após a conclusão da entrevista; ao contexto de *fala com uma terceira pessoa*, que corresponde aos casos em que o informante dirige-se a uma terceira pessoa durante a entrevista; contexto de *fala que não responde diretamente a perguntas*, que corresponde a situação na qual o informante divaga em sua resposta para falar de algo em que tenha maior interesse; contexto de *parlendas e rimas*, que é produzido por meio de perguntas que levam a tópicos como parlendas, cantigas de roda, rimas de pular corda; contexto de *risco de vida*, que corresponde à situação na qual o informante relata situações de perigo vivenciadas (LABOV, 2008 [1972]).

Conforme Labov (2001), dois dos contextos apresentados para a observação da fala casual [*casual speech*] envolvem alternâncias no *design* do público e três envolvem mudanças no tipo de texto e no tópico conversacional e, apesar de reconhecer a importância das alternâncias na audiência nos estudos sociolinguísticos, pelo fato de serem mais difíceis de reunir em grandes proporções para um estudo em comunidade, as abordagens empíricas têm considerado como principal escopo da atenção à fala as mudanças no tipo de texto e no tópico discursivo (cf. FREITAG, 2014).

### 2.2.2 Audience Design

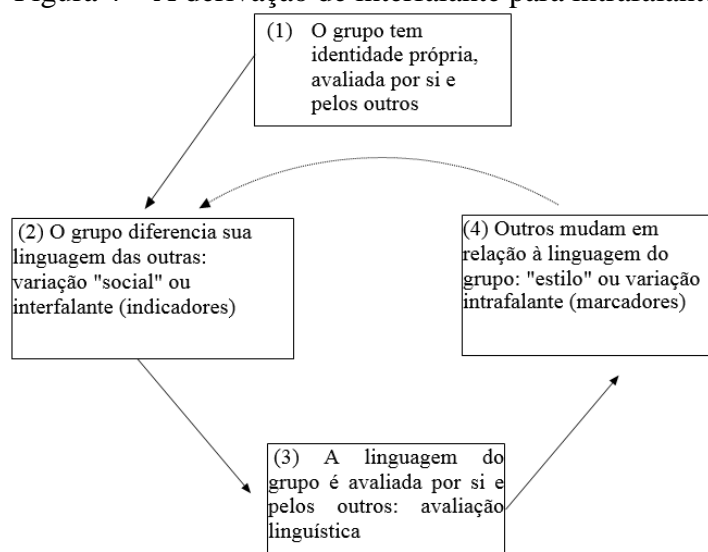
A perspectiva de estilo da *Audience Design* teve início com o estudo de Bell (1984), que constatou alternância de estilo por parte de locutores de duas rádios da Nova Zelândia destinadas a públicos distintos, uma de um público de *status* social mais elevado e outra de um público mais popular, verificando que os locutores alteravam traços linguísticos com base no público alvo das rádios, ou seja, com base em sua audiência. Bell (1984, p. 159, tradução nossa) destaca que a variação estilística, ou variação intrafalante, é vista em resposta à variação social, interfalante, e que

sociolinguistas estão acostumados a correlacionar a dimensão “social” da variação da língua com características sociais mensuráveis (classe, idade, etc.) de uma pessoa - o falante. Se a dimensão estilística secundária for derivada da dimensão social principal, também devemos correlacionar a dimensão de estilo com os atributos de uma pessoa. Mas neste caso, eles serão os atributos, não do falante, mas dos

ouvintes<sup>18</sup>.

Nessa perspectiva, o falante é a primeira pessoa no momento da fala e tem características que o diferenciam de outros falantes, mas este projeta seu estilo com base em seu ouvinte/público que tem atributos sociais próprios e que influenciam em sua alternância de estilo, tanto o público principal, a segunda pessoa, que é aquela a quem o falante reporta-se; quanto o público composto por terceiras pessoas que estão presentes, mas que não são aquelas a quem ele se dirige (BELL, 1984).

Figura 4 – A derivação de interfalante para intrafalante



Fonte: Adaptado de Bell (1984, p. 152, tradução nossa).

A figura 3 sistematiza a relação entre variação intrafalante e interfalante, de modo que em (1) o falante, ou grupo, tem uma identidade reconhecida; em (2) é destacado o fato de sua fala ser diferente da de outros falantes, ou grupos, por conta de atributos sociais; em (3) ocorre a avaliação da variedade utilizada pelo falante, ou grupo; e em (4) outros falantes, ou grupos, alternam seus usos linguísticos para adequarem-se aos do falante, ou grupo, com base em (2), seus atributos sociais. Conforme Bell (2001), esse modelo de abordagem de estilo, conhecido como *Audience Design*, tem como pontos centrais os apresentados no quadro 2.

Quadro 2 – Pontos centrais da *Audience Design* (BELL, 2001)

1. “Estilo é o que um falante individual faz com uma linguagem em relação a outras pessoas” (BELL, 2001, p. 141, tradução nossa)<sup>19</sup>.
2. “O estilo deriva seu significado da associação de características linguísticas com

<sup>18</sup>Sociolinguists are accustomed to correlating the "social" dimension of language variation with measurable social characteristics (class, age, etc.) of a person - the speaker. If the secondary, stylistic dimension is derived from the primary, social dimension, we should also correlate the style dimension with a person's attributes. But in this case, they will be the attributes, not of the speaker, but of the hearers (BELL, 1984, p. 159).

<sup>19</sup>Style is what an individual speaker does with a language in relation to other people (BELL, 2001, p. 141).

- grupos sociais particulares” (BELL, 2001, p. 142, tradução nossa)<sup>20</sup>.
3. “Os falantes projetam seu estilo principalmente para e em resposta ao seu público” (BELL, 2001, p. 143, tradução nossa)<sup>21</sup>.
  4. “*Audience Designer* se aplica a todos os códigos e níveis de um repertório de línguas, monolíngue e multilíngue” (BELL, 2001, p. 144, tradução nossa)<sup>22</sup>.
  5. “Variação na dimensão de estilo na fala de um único falante deriva e ecoa da variação que existe entre os falantes na dimensão “social”” (BELL, 2001, p. 145, tradução nossa)<sup>23</sup>.
  6. “Os falantes têm uma capacidade refinada de projetar seu estilo para uma variedade de destinatários diferentes, assim como para outros membros da audiência” (BELL, 2001, p. 146, tradução nossa)<sup>24</sup>.
  7. “A alternância de estilo de acordo com o tópico ou a situação deriva seu significado e direção de mudança da associação subjacente de tópicos ou situações com membros típicos da audiência” (BELL, 2001, p. 146, tradução nossa)<sup>25</sup>.
  8. “Assim como a dimensão “responsiva” do estilo, existe a dimensão “iniciativa”, na qual a mudança de estilo em si inicia uma mudança na situação, em vez de resultar de tal mudança” (BELL, 2001, p. 146, tradução nossa)<sup>26</sup>.
  9. “As alternâncias de estilo são, em essência, “*referee design*”, pelo qual as características linguísticas associadas a um grupo de referência podem ser usadas para expressar a identificação com esse grupo” (BELL, 2001, p. 147, tradução nossa)<sup>27</sup>.
  10. “A pesquisa de estilo requer seus próprios designs e metodologia” (BELL, 2001, p. 148, tradução nossa)<sup>28</sup>.

Fonte: Elaborado com base em Bell (2001)

O ponto 1 é o princípio central do *Audience Design* e postula que o estilo é orientado para as pessoas, sendo essencialmente social e marcando relações interpessoais e intergrupais, de modo que, “por trás do *Audience Design*, há uma afirmação geral e forte de que o caráter da alternância de estilo (intrafalante) deriva em um nível subjacente da natureza das diferenças linguísticas entre as pessoas (interfalante)” (BELL, 2001, p. 141, tradução nossa)<sup>29</sup>. O ponto 2 associa as características linguísticas vinculadas a um grupo à avaliação social do

<sup>20</sup> Style derives its meaning from the association of linguistic features with particular social groups (BELL, 2001, p. 142).

<sup>21</sup> Speakers design their style primarily for and in response to their audience (BELL, 2001, p. 143).

<sup>22</sup> Audience design applies to all codes and levels of a language repertoire, monolingual and multilingual (BELL, 2001, p. 144).

<sup>23</sup> Variation on the style dimension within the speech of a single speaker derives from and echoes the variation which exists between speakers on the “social” dimension (BELL, 2001, p. 145).

<sup>24</sup> Speakers have a fine-grained ability to design their style for a range of different addressees, as well as for other audience members (BELL, 2001, p. 146).

<sup>25</sup> Style-shifting according to topic or setting derives its meaning and direction of shift from the underlying association of topics or settings with typical audience members (BELL, 2001, p. 146).

<sup>26</sup> As well as the “responsive” dimension of style, there is the “initiative” dimension (figure 9.3) where the style-shift itself initiates a change in the situation rather than resulting from such a change (BELL, 2001, p. 146).

<sup>27</sup> Initiative style-shifts are in essence “referee design,” by which the linguistic features associated with a reference group can be used to express identification with that group (BELL, 2001, p. 147).

<sup>28</sup> Style research requires its own designs and methodology (BELL, 2001, p. 148).

<sup>29</sup> Behind audience design lies a strong, general claim that the character of (intra-speaker) style-shift derives at an underlying level from the nature of (inter-speaker) language differences between people (BELL, 2001, p. 141).

grupo, apresentando o estilo como derivado da variação linguística intergrupal através da avaliação social. Já o ponto 3, conforme Bell (2001), é o coração do *Audience Design* e postula que a alternância de estilo decorre de uma mudança do público do falante, manifestando-se quando um falante muda seu estilo para parecer com o da pessoa com quem está falando, o que, conforme o autor, configura-se como convergência em termos da Teoria da acomodação da fala. O ponto 4 reforça que o modelo não se aplica somente a alternância de estilo, mas envolve também características nos níveis de uma mesma língua e em situações de mais de uma língua.

Já o ponto 5 estabelece uma relação entre a variação estilística do indivíduo e a variação social da comunidade, pois os falantes dependem do uso e avaliação de formas linguísticas na comunidade para tê-las como recursos de alternância estilística, o que não implica que a criatividade dos falantes seja diminuída ou que sejam vistos como passivos, pois estes são criativos e ativos em explorar recursos linguísticos de sua comunidade. Assim, o ponto 5 define o *Audience Design* como “uma estratégia através da qual os falantes recorrem à gama de recursos linguísticos disponíveis em sua comunidade de fala para responder a diferentes tipos de público” (BELL, 2001, p. 145, tradução nossa)<sup>30</sup>. O ponto 6, conforme Bell (2001), diz respeito a uma conclusão advinda do modelo de acomodação, que propõe, conforme Giles e Powesland (1975), que os falantes acomodam seu estilo de fala ao de seus ouvintes para ter aprovação. Já o ponto 7 reitera que a alternância que os falantes fazem de estilos, por conta de tópicos e situações, depende do seu público/audiência.

No ponto 8, Bell (2001) defende que o estilo não é somente moldado pela situação, mas também a molda, uma vez que há a alternância situacional na qual há associação entre língua e situação social com as mudanças situacionais refletindo as normas da comunidade sobre a fala apropriada para determinados públicos, mas também há um estilo iniciativo no qual características de uma situação são utilizadas em um contexto diferente, fazendo com que a língua torne-se uma variável independente e molde a situação.

E, no ponto 9, Bell argumenta que o falante realiza alternância de estilo, utilizando características linguísticas associadas a um grupo como forma de expressar sua identificação com esse grupo, podendo esse grupo de referência ser, inclusive, ausente, por isso essa alternância de estilo iniciativo configura-se como uma redefinição da identidade do falante em relação ao seu público. Por fim, no ponto 10, Bell (2001) defende que a pesquisa em estilo precisa ser desenvolvida de modo a possibilitar o estudo do estilo, com metodologia e design

---

<sup>30</sup>A strategy by which speakers draw on the range of linguistic resources available in their speech community to respond to different kinds of audiences (BELL, 2001, p. 145).

próprios para isso.

### 2.3 ESTILO EM DIFERENTES SITUAÇÕES CONVERSACIONAIS

No presente trabalho, assumimos pressupostos dos dois modelos apresentados anteriormente, o de Atenção à fala (LABOV, 2008 [1972]) e o *Audience Design* (BELL, 1984; 2001), considerando que os falantes alternam entre usos mais e menos formais, tanto em função da atenção prestada a sua própria fala, quanto em função de características de sua audiência/interlocutores. Nessa perspectiva, consideramos que as alternâncias de estilo têm influência de todo o contexto no qual a fala do indivíduo está inserida e com vistas a considerar um contexto além do linguístico para os usos das microconstruções envolvendo **tipo**, observamos seu uso no âmbito de três situações conversacionais que podem influenciar na distribuição dos *types* inovadores (das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*), que, como já mencionado, têm recebido o rótulo de gíria, podendo, assim, ter seu uso relacionado a situações conversacionais menos formais, mais próximas do que Labov (2008 [1972]) chama de fala espontânea.

As situações conversacionais consideradas para o estudo dos diferentes usos de **tipo** são a *reunião*, a *entrevista sociolinguística* e a *interação conduzida*<sup>31</sup>, estas são caracterizadas pelos aspectos tipo de tópico, definido com base em Labov (2008 [1972])<sup>32</sup>, e relação hierárquica entre os interlocutores na conversa, definida com base Bell (1984; 2001).

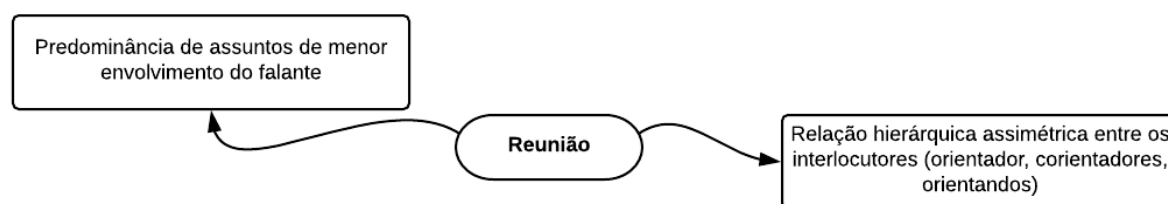
A situação de reunião controlada no presente estudo é parte das práticas de um grupo de pesquisa que tem propósitos acadêmicos. Nela, pesquisadores abordam tópicos que possam contribuir com o desenvolvimento de pesquisas vinculadas ao grupo do qual fazem parte, tópicos estes que se configuram como de menor envolvimento do falante, pois são, por exemplo, conceitos de termos técnicos, métodos e resultados de pesquisas. Ainda como característica dessa situação conversacional, tem-se a relação hierárquica assimétrica entre os interlocutores, definida com base em Bell (1984; 2001), que, no âmbito do presente trabalho, dá-se pela participação de orientador, co-orientadores e orientandos na conversa. A figura 5

<sup>31</sup> A metodologia para coleta dessas três situações conversacionais com os membros da comunidade estuda é apresentada na seção 4.

<sup>32</sup> Também reconhecemos a importância do tipo de tópico/sequência discursiva para a alternância de estilo dos falantes na afirmação de Labov de que o falante pode ficar “envolvido na narrativa a ponto de parecer estar vivenciando aquele momento” (LABOV, 2008 [1972], p. 199), podendo assim deixar emergir o seu vernáculo por estar prestando menor atenção ao modo como está falando. Diversas abordagens de controle de estilo via alternância de sequência discursiva foram empreendidas, como Freitag et al., (2009) e Freitag (2014). No entanto, por tratarmos de um fenômeno que envolve o nível discursivo em uma comunidade de prática, consideramos que outros fatores podem influenciar em sua distribuição por sequências discursivas, além da atenção prestada à fala.

sistematiza essas características.

Figura 5 – Caracterização da situação de reunião de grupo de pesquisa

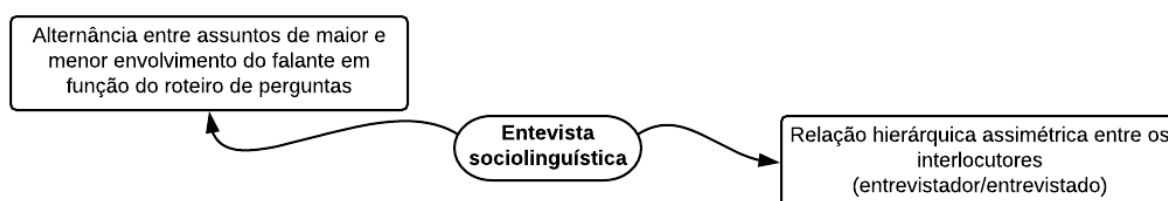


Fonte: Elaboração própria

Tendo em vista essa caracterização, a reunião é a situação mais formal, dentre as controladas no presente estudo, pois é composta por apresentações orais e debates acerca de assuntos relacionados à pesquisa acadêmica e nela interagentes têm relações hierárquicas distintas, de modo que orientador se dirige a orientandos; co-orientadores a orientador, e co-orientandos e orientandos a orientador e co-orientador. Essas características afastam essa situação do que Labov apresenta como uma fala menos monitorada e mais espontânea.

Já a entrevista sociolinguística, “protocolo de coleta de dados consolidado e amplamente utilizado na abordagem variacionista” (FREITAG, 2014, p.126), é uma situação conversacional conduzida pelo pesquisador por meio de um roteiro de perguntas. O roteiro de entrevista é elaborado de modo a conter tópicos mais gerais, como saúde, educação, segurança, mas também assuntos que contemplem experiências de risco de morte e infância vivenciadas, que, conforme Labov, são propícios a emergência da fala casual, a fala menos monitorada. Ainda como característica da entrevista sociolinguística tem-se a relação assimétrica entre os interlocutores, uma vez que há um entrevistador, pessoa que conduz a conversa, selecionando os tópicos por meio de perguntas direcionadas a um entrevistado, pessoa que responde a essas perguntas, desenvolvendo os tópicos que lhe são apresentados, figura 6.

Figura 6 – Caracterização da situação de entrevista sociolinguística



Fonte: Elaboração própria

Com base nessa caracterização, as entrevistas sociolinguísticas são o tipo de coleta mais ou menos formal considerado no presente trabalho, sendo menos formal que as gravações de reuniões e mais formal que as interações conduzidas, pois uma entrevista



sociolinguística “não é uma situação tão formal quanto um discurso público [...], mas certamente é mais formal do que a conversa casual entre amigos ou membros da família” (LABOV, 2008, p. 102-103). Conforme Labov (2008 [1972], p. 244), não se deve esperar o vernáculo em uso em uma entrevista, pois mesmo “que o falante nos pareça informal ou à vontade, podemos sempre supor que ele tem uma fala mais informal, outro estilo no qual se diverte com os amigos”.

A situação conversacional de interação conduzida, por sua vez, é caracterizada por apresentar, do modo como foi coletada para o presente trabalho, predominância de assuntos de maior envolvimento dos falantes. Essa situação conversacional não é mediada por um entrevistador e sim produzida por dois colegas de grupo de pesquisa, que conversam entre si, configurando-se em uma situação menos formal, pois, por ser desenvolvida entre indivíduos próximos socialmente aproxima-se a uma conversa entre amigos, contexto que, conforme Labov (2008 [1972]), faz emergir seu estilo de fala casual [*casual speech*], figura 7.

Figura 7 – Caracterização da situação de reunião de interação conduzida



Fonte: Elaboração própria

O estudo dos diferentes usos de **tipo** levando em conta, além de contribuições da abordagem construcional da Linguística Funcional Centrada no Uso, também das abordagens de comunidade de práticas e estilo da Sociolinguística justifica-se pelo fato de que as microconstruções envolvendo **tipo**, além de formas e significados linguísticos têm também significados sociais, o que se confirma pelo fato de que uma delas é reconhecida em dicionários como pertencente a uma classe gramatical (o *type* da categoria *nominal*), enquanto as outras (das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*) têm seu uso reconhecido como gíria, e esses significados atribuídos socialmente podem influenciar na frequência *token* dos *types* nas diversas situações de uso da língua.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, descrevemos os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da presente pesquisa. Apresentamos o processo de documentação da comunidade selecionada para estudo, o Grupo de Pesquisa em Educação Física, caracterizando sua composição e suas práticas; relatamos o primeiro contato com os membros do grupo, a elaboração dos instrumentos para a coleta de dados (ficha social e roteiro de entrevista) e a realização de três tipos de coletas (gravação de reunião, entrevista sociolinguística e interação conduzida); exibimos os fatores linguísticos e estilísticos controlados no presente estudo e apresentamos o tratamento aplicado aos dados.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE PRÁTICAS

O primeiro passo metodológico para o estudo dos *types* envolvendo **tipo** foi a documentação de uma comunidade que nos permitisse observar o comportamento linguístico dos indivíduos em relação aos fatores de efeito estilístico. Tivemos acesso a uma comunidade de práticas, o Grupo de Pesquisa em Educação Física<sup>33</sup>, que se configura como uma comunidade de práticas, aplicando a definição de Eckert e McConnell-Ginet (2010[1992]), por ser composto por pesquisadores que se reúnem em prol do desenvolvimento de projetos de extensão no âmbito da área de Educação Física.

A comunidade estava composta, no momento da documentação, por 16 membros, com idades entre 18 e 37 anos, em sua maioria estudantes de graduação e pós-graduação (de mestrado a pós-doutorado) da Universidade Federal de Sergipe, e um professor do departamento de Educação Física da mesma universidade, que coordena o grupo<sup>34</sup>.

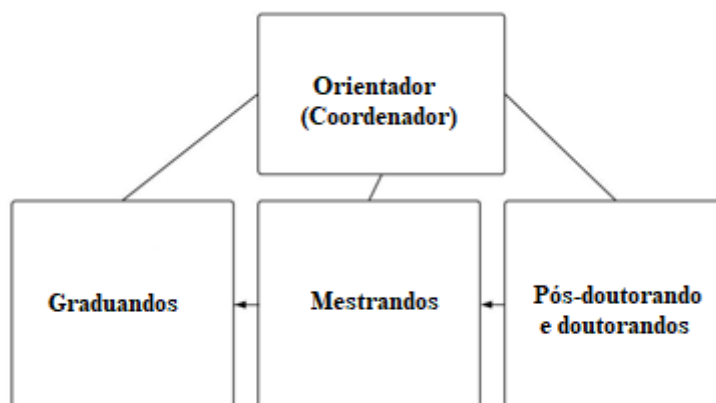
Como é comum em comunidades de práticas, há uma hierarquia demarcada no grupo, de modo que o professor é orientador de todos os outros membros, os doutorandos e o pós-doutorando orientam mestrandos e os mestrandos orientam graduandos. A hierarquia da comunidade documentada é apresentada na figura 8: o orientador é destacado como membro central, aquele com o qual todos têm uma relação de orientados; seguido dos doutorandos e do único pós-doutorando do grupo que coorientam os mestrandos, que por sua vez têm como coorientandos os graduandos que são os membros com posição hierárquica mais baixa, pois são os únicos que não exercem o papel de orientar/coorientar.

---

<sup>33</sup> Adotamos um pseudo-nome para garantir o anonimato dos participantes da coleta.

<sup>34</sup> Essa era a sua composição no período em que iniciamos a pesquisa de campo. Posteriormente, novos membros ingressaram no grupo, mas por estes ainda não terem proximidade com os membros mais antigos e a distância social não ser um fator que intencionássemos controlar, não propusemos interações entre eles.

Figura 8 – Hierarquia do Grupo de Pesquisa em Educação Física



Fonte: Elaboração própria.

Como também é característico de comunidades de prática, os membros reúnem-se sistematicamente (uma vez por semana) para apresentações do andamento de trabalhos, de artigos científicos, cursos de capacitação, dentre outras temáticas relevantes para o desenvolvimento dos projetos de extensão vinculados ao grupo. Em cada semana, uma ou mais pessoas são encarregadas das apresentações da reunião, de modo que os pós-graduandos, quando encarregados de tal função, ministram cursos, ou expõem sobre o desenvolvimento dos projetos de cuja co-orientação são responsáveis. Já os graduandos, normalmente, apresentam resultados de pesquisas desenvolvidas na área de interesse do grupo, utilizando artigos sugeridos por seus coorientadores. O orientador/coordenador do grupo é quem conduz a reunião, introduzindo cada uma das apresentações; fazendo comentários durante; e abrindo o debate após, e em sua ausência, normalmente, é um doutorando, ou pós-doutorando quem conduz o debate.

A documentação da comunidade de práticas está prevista no projeto Banco de Dados Falares Sergipanos – etapa 2, e aprovada pelo CEP/CONEP com o número CAAE 68318317.0.0000.5546. Os procedimentos adotados seguem o protocolo estabelecido em Freitag (2017). Após a identificação da comunidade, procuramos o professor coordenador do grupo<sup>35</sup>, explicamos para ele os objetivos da pesquisa de forma muito geral (a observação de fenômenos que ocorrem na interação entre as pessoas), para que não houvesse o enviesamento dos dados, e pedimos a autorização para assistir e gravar as reuniões. Após a autorização do coordenador, realizamos a primeira visita na qual nos apresentamos e pedimos para que os membros do grupo assinassem o termo de consentimento (anexo A), autorizando-nos a gravá-

<sup>35</sup> A amostra utilizada no presente trabalho foi constituída em parceria com Flávia Regina de Santana Evangelista.

los, e também para que preenchessem a ficha social (anexo B) na qual constam dados como idade, sexo, gênero, local de nascimento e residência, dentre outras informações pessoais, que podem servir de explicação para um determinado comportamento linguístico.

Nessa visita, já observamos a primeira reunião e coletamos informações sobre assuntos de interesse do grupo a serem abordados nos instrumentos para a coleta das situações conversacionais que não são da prática da comunidade como são as reuniões (entrevistas e interações conduzidas). Os instrumentos de coleta são o roteiro de entrevista (anexo C) e os cartões de interação (anexo D). O roteiro de entrevista é composto por questões relacionadas à participação dos indivíduos na comunidade de práticas estudada, mas, principalmente, por perguntas elaboradas aos moldes labovianos e já utilizadas no Banco de Dados Falares Sergipanos, conforme apresentado em Freitag (2017), abrangendo assuntos como moradia, lazer e meio ambiente, segurança, educação, experiências pessoais, cultura, política, dentre outros. Já o segundo instrumento, os cartões de interação, é constituído pela apresentação não de perguntas, mas de situações também sobre assuntos diversificados, algumas delas retiradas de Araujo, Santos e Freitag (2014), e as demais elaboradas de modo a possibilitar a abordagem de assuntos de possível interesse dos membros do grupo estudado.

Após esse primeiro contato e elaboração de instrumentos, prosseguimos com os três tipos de coleta: as gravações de reuniões, as entrevistas sociolinguísticas e as interações conduzidas.

### **3.1.1 Gravação de reuniões**

As gravações de reuniões são as situações mais formais, dentre as controladas no presente estudo, pois, como já mencionado, as reuniões são compostas por apresentações orais e debates acerca de assuntos relacionados à pesquisa acadêmica. Com a tentativa de diminuir o efeito da nossa presença e da presença do gravador, o chamado paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]), assistimos a nove reuniões, as três primeiras sem o gravador para estabelecermos contanto com os membros do grupo e para que eles se acostumassem com nossa presença. Após essas visitas de apenas observação, iniciamos as gravações, que foram realizadas em seis reuniões, das quais apenas a última foi utilizada na presente pesquisa, tanto por conta da duração das gravações que é de aproximadamente 4h, o que permite material suficiente para análise quanto pelo fato de que nessa última a nossa presença, juntamente com a do gravador, já não parecia mais despertar a atenção.

### 3.1.2 Entrevistas sociolinguísticas

Seguindo o que já vem sendo feito no âmbito do Banco de Dados Falares Sergipanos, realizamos entrevistas sociolinguísticas com 10 participantes da comunidade de práticas estudada (cinco homens e cinco mulheres<sup>36</sup>). As entrevistas sociolinguísticas têm duração de aproximadamente 50 min cada e foram realizadas seguindo o roteiro de entrevista já apresentado, que dentre as perguntas que o compõem contém algumas que objetivam minimizar os efeitos do paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]), como questionamentos que solicitassem relatos de experiências pessoais sobre risco de morte e infância.

O Banco de Dados Falares Sergipanos conta com entrevistas realizadas em comunidades de fala (Aracaju, Lagarto, Itabaiana) e em comunidades de práticas (Mãe da Divina Graça, Universidade Federal de Sergipe/*campus* de Itabaiana, Colégio Estadual Atheneu Sergipense, Universidade Federal de Sergipe/*campus* de São Cristóvão), e as entrevistas da comunidade de práticas Grupo de Pesquisa em Educação Física também passaram a compor o banco.

### 3.1.3 Interações conduzidas

A metodologia de interações conduzidas foi proposta por Araujo, Santos, Freitag (2014) para captar fatores como relações de poder, custo da imposição e distância social, apresentados, por Brown e Levinson (2011), como relacionados à avaliação da polidez das estratégias linguísticas. E faz-se relevante no presente trabalho por propor uma situação conversacional fora da relação entrevistador-entrevistado.

Neste tipo de método de coleta de dados, a situação conversacional não é mediada por um entrevistador e sim produzida por dois falantes, que, por meio de cartões com tópicos diversificados, conversam entre si por aproximadamente 40min, podendo configurar uma situação menos formal, pois, desenvolvida entre indivíduos próximos socialmente pode aproximar-se a uma conversa entre amigos, contexto que, conforme Labov (2008 [1972]), faz emergir seu estilo de fala casual [*casual speech*].

Com base na proposta de Araujo, Santos, Freitag (2014), realizamos 14 interações

---

<sup>36</sup> Apesar de o fator social sexo/gênero não ter sido o foco do presente trabalho, as entrevistas sociolinguísticas, assim como as interações conduzidas, foram coletadas de modo a equilibrar a participação de homens e mulheres do grupo estudado com a finalidade de evitar enviesamento dos dados, pois estudos sociolinguísticos têm demonstrado diferenças de comportamento linguístico entre homens e mulheres (LABOV, 2008 [1972]; FREITAG, 2015b; dentre outros), inclusive no uso de marcadores discursivos (TRAPP, 2014; SNICHELOTTO; BERTOZZO, 2015; VALLE, 2001; ROST, 2002; SILVA, 2014).

conduzidas com os membros da comunidade Grupo de Pesquisa em Educação Física, que foram realizadas com dez membros do grupo (cinco homens e cinco mulheres) que interagiram entre pares de sua preferência.

Para a realização de tais interações, foram fornecidos, aos participantes, cartões com situações diversificadas para que a partir delas os indivíduos produzissem um diálogo. No total, foram apresentados aos participantes 26 cartões, desses cada um dos dois participantes da interação pôde escolher seis para utilizar na formulação de perguntas para seu parceiro conversacional, ou para desenvolver o tópico. Eles foram informados de que a ordem para o uso dos cartões seria de acordo com sua preferência e também que poderiam optar por tratar de outros assuntos de seu interesse, não sendo obrigatória a abordagem das temáticas propostas nos cartões.

As interações conduzidas aproximaram-se ao máximo de uma conversa entre amigos, pois além de os interactantes terem uma relação de proximidade, já que selecionamos os participantes da comunidade de práticas que percebemos como mais próximos e permitimos rearranjos solicitados por eles para o par conversacional de sua preferência com base na proximidade, os tópicos por eles abordados foram também de sua preferência, não se limitando aos dos cartões.

### 3.2 TRATAMENTO DA AMOSTRA DOCUMENTADA

As gravações de reuniões, de entrevistas e de interações conduzidas coletadas no âmbito do presente trabalho foram realizadas com uso de dois tipos de gravadores: gravador Zoom modelo Handy recorder H4, utilizado nas reuniões, entrevistas e numa parte das interações conduzidas gravadas em salas de aula do departamento de Educação Física, e o microfone de lapela Shure modelo PGXD1 digital, utilizado numa outra parte das interações, que foram gravadas numa cabine acústica para permitir a obtenção de dados livres de ruídos externos<sup>37</sup>. Cabe destacar que gravações foram realizadas na cabine apenas depois de os informantes terem gravado interações em salas de aula do seu departamento, tendo sido minimizado o efeito desse ambiente pelo fato de os interactantes já se conhecerem e estarem familiarizados, também, ao modelo de interação proposto.

Após o procedimento de coleta, realizamos a transcrição da reunião (de aproximadamente 4h), das 10 entrevistas sociolinguísticas (de aproximadamente 50 min cada)

---

<sup>37</sup> A importância da realização de gravações livres de ruídos está em, além de garantir uma identificação precisa das ocorrências de **tipo**, também em possibilitar a realização de trabalhos futuros que englobem, por exemplo, aspectos prosódicos, cuja análise requer áudios de boa qualidade.

e das 14 interações conduzidas (de aproximadamente 40 min cada) por meio do software Elan (BRUGMAN; RUSSEL, 2004), que permite o alinhamento entre áudio e texto da transcrição, e atendendo às normas de transcrições (ANEXO E) do Grupo de Estudos em Linguagem Interação e Sociedade.

### 3.3 FATORES CONTROLADOS

Para descrever o comportamento de **tipo** na perspectiva construcional, consideramos três fatores linguísticos para análise: pluralização e escopo sintático (aspectos da forma), e valor semântico-pragmático (aspecto do sentido)<sup>38</sup>. Já para identificar efeitos estilísticos no uso dos *types* envolvendo **tipo**, evocamos contribuições dos dois modelos de estilo apresentados anteriormente, o de Atenção à fala e o *Audience Design*, como já apresentado, para definir o fator situação conversacional e o fator tipo de tópico. Os fatores considerados no presente estudo são sistematizados no quadro 3.

Quadro 3 – Sistematização dos fatores controlados

<i>Variáveis controladas</i>		
<b>Linguísticos</b>	Pluralização	<i>Pluralizável e não pluralizável</i>
	Escopo sintático	<i>Sintagma nominal, ligação entre sintagmas nominais, ligação entre orações, ligação entre sintagma nominal e oração em forma nominal</i>
	Valor semântico-pragmático	<i>referenciador, classificação, exemplificação, introdução de diálogo, planejamento verbal, delimitação aproximativa, ênfase e articulação intratópica</i>
<b>Estilísticos</b>	Situação conversacional	<i>Entrevista, interação e reunião</i>
	Tipo de tópico conversacional	<i>Maior envolvimento do falante e menor envolvimento do falante</i>

Fonte: Elaboração própria

A descrição dos fatores linguísticos e estilísticos controlados, nossas hipóteses em tornos deles, bem como seu comportamento em relação aos diferentes *types* envolvendo **tipo** são apresentados na seção 5.

### 3.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Foram extraídos todos os *tokens* de **tipo** e 400 palavras de cada um de seus contextos precedente e procedente, com o auxílio do script *dmsocio* (OUSHIRO, 2014) no software

<sup>38</sup> Cabe destacar que, como já mencionado, propriedades fonológicas também compõem uma construção, sendo um aspecto do âmbito de sua forma, no entanto, as propriedades consideradas (dos níveis morfológico, sintático e semântico-pragmático) já permitem a descrição dos diferentes usos de **tipo** em termos de alterações no âmbito de sua forma e de seu significado, apesar de não esgotar essa descrição.

Rstudio (2015), que possibilita dentre outras funções, a identificação de todas as ocorrências de um padrão especificado e a extração destas para uma planilha em Excel. Cada *type* foi classificado quanto aos aspectos linguísticos e estilísticos especificados e posteriormente submetido a tratamento estatístico descritivo para o cômputo das frequências *token* desses *types*.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nessa seção, sistematizamos os resultados obtidos no presente estudo. Primeiramente, detalhamos a análise dos fatores linguísticos (pluralização, escopo sintático e valor semântico-pragmático) realizada para a identificação dos *types* envolvendo **tipo**, em seguida apresentamos os dados gerais dos *types* na fala dos membros da comunidade de práticas Grupo de Pesquisa em Educação Física, por fim, expomos os dados obtidos da análise da frequência *token* dos *types* em função do fator estilístico situação conversacional e do fator tipo de tópico a ele relacionado e respondemos ao questionamento que norteou essa pesquisa: A alternância entre estilos mais formais e mais informais interfere na frequência *token* dos *types* envolvendo **tipo**?

### 4.1 ASPECTOS LINGUÍSTICOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DOS *TYPES*

Nessa subseção, detalhamos a análise dos fatores linguísticos previamente especificados (pluralização, escopo sintático e valor semântico-pragmático) que permitiu a caracterização dos usos de **tipo** como *types* de diferentes esquemas linguísticos, por terem características de forma e sentido distintas.

#### 4.1.1 Pluralização

Consideramos como *pluralização* a possibilidade de flexão em número de **tipo**, recebendo o morfema de plural (-s). Sobre esse fator, tivemos por hipótese que **tipo** ocorreria com possibilidade de plural apenas na categoria *nominal*, sofrendo uma alteração morfológica de perda desse traço em seus novos *types*, uma vez que a categoria *conectivo* não apresenta traços de flexão, e os marcadores discursivos também apresentam traços identitários próprios.

Em relação a esse aspecto do âmbito da forma da microconstrução, constatamos que, conforme a hipótese, essa característica morfológica encontra-se presente apenas nos 71 usos de **tipo** como *type* do esquema dos nominais, sendo essa propriedade alterada em seus novos usos como *conectivo* e *marcador discursivo*, como exemplificado nos excertos (12) a (17).

Em (12) e (13), **tipo** ocorre em seu uso originário pertencente ao esquema da categoria *nominal* e, como é próprio dos *types* desse esquema, apresenta a possibilidade de plural. Assim, em (12), aparece no singular, mas, caso o falante se referisse a mais de um agachamento, a realização “esses **tipos** de agachamentos” seria possível, assim como ocorre “os **tipos** de fibras” no excerto (13).

(12) *ent.SaoCristovao2018\_ine.fs.* então a gente opta mais pelo agachamento com

dominância de quadril pra os idosos e aí tem esse **tipo** de agachamento o farm walk que é um movimento que você se desloca segurando o peso

- (13) *int.SaoCristovao2018\_gab.ms.* degenerações ele degenera os sistemas orgânicos do indivíduo... comprometendo algumas capacidades físicas dentre ela principalmente a força por isso que é interessante nessa população entre a força e potência muscular... já que são os **tipos** de fibras que elas mais perdem nessa perspectiva surge o treinamento tradicional e treinamento funcional

Já em (14) e (15), a característica morfológica de pluralização é perdida, tornando inviáveis realizações com o morfema (-s) mesmo que, no primeiro caso, o elemento de comparação inserido estivesse no plural, “**tipo** mulheres grávidas [são]”, como também no segundo caso em que inserem dois exemplos “quebra de um abraço” e de “uma perna”. Nesses usos, a microconstrução em análise é um *type* do esquema *conectivo*, sendo a ausência de plural comum a essa categoria.

- (14) *int.SaoCristovao2018\_leu.ms.* eu acho que a confiança é algo engraçado parte disso né porque confiança é algo que você tem ou não tem é **tipo** mulher grávida ou tá grávida ou não tá grávida não tem meio grávida e também não tem meio confiança e confiança é algo que eu digo que você dá a chance da pessoa vacilar com você

- (15) *int.SaoCristovao2018\_ine.fs.* a prática da de atividade física né? no final traz muitos benefícios bons... pode trazer um ou outro assim **tipo** uma quebra de um braço uma perna

*int.SaoCristovao2018\_mar.fs.* ave Maria muita coisa ((RISOS))

Em (16) e (17), a microconstrução **tipo** aparece como *type* do esquema *marcador discursivo* em que sua possibilidade de ser pluralizada também é perdida. Essa alteração de nível morfológico ocorrida nesse *type*, assim como no do esquema *conectivo*, configura-se como uma das mudanças no âmbito da forma de **tipo** do *type* originário da categoria *nominal*.

- (16) *Int.SaoCristovao2018\_van.fs.* eu acho que nem contei isso cara eu acho que devo ter contado pra alguém deve ter... mas um amigo nosso meu e de Leury de infância porra a gente cresceu junto e tal **tipo** todo fim de semana a gente juntava a galera juntava os brothers todo e ia pra casa de Leury pra jogar videogame assistir um filme falando besteira entendeu?

- (17) *ent.SaoCristovao2018\_van.fs.* aí pediu minha bolsa também levou minha bolsa levou tudo embora e eu fiquei parada no meio da rua igual uma idiota assim pensando **tipo** “como assim eu fui assaltada?” nunca tinha sido foi a primeira vez

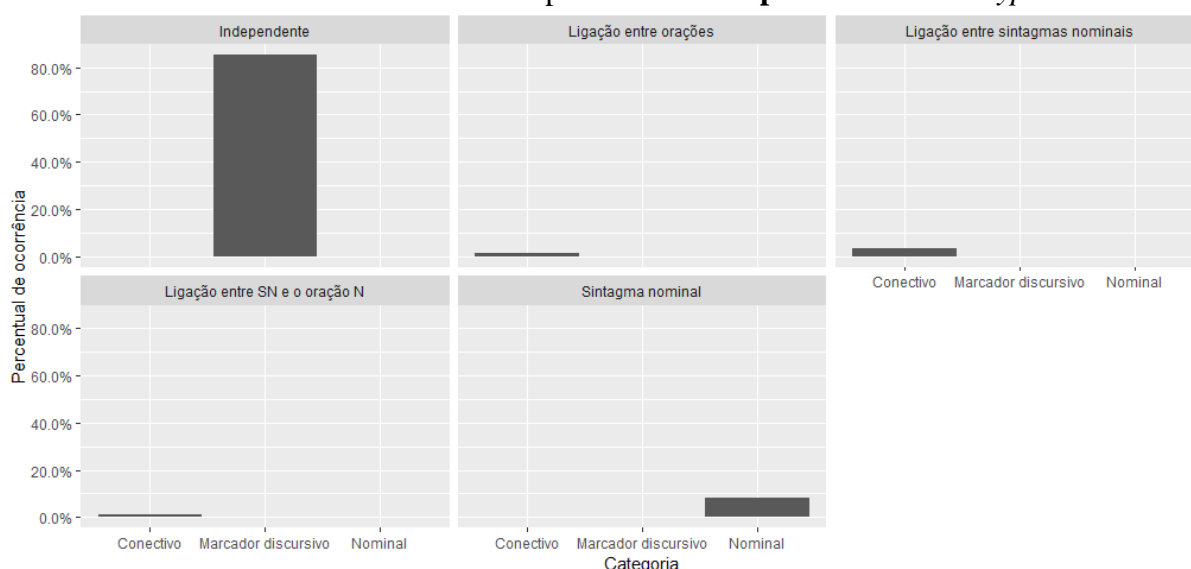
#### 4.1.2 Escopo sintático

As funções de nível sintático “relacionam elementos presentes em uma estrutura” e “não se definem apenas no nível da oração” (PERINI, 2006, p.118). Nessa perspectiva, no nível sintático, consideramos o aspecto escopo sintático como a relação de **tipo** com os demais elementos das construções em que ocorre (desde relações no interior de sintagmas

nominais até entre orações), uma vez que mudanças de propriedades sintáticas se situam no âmbito da forma da microconstrução e são parte do processo de construcionalização. Com base nos estudos já apresentados, tivemos por hipótese que **tipo** tem propriedades sintáticas distintas em seus usos das três categorias (*nominal*, *conectivo* e *marcador discursivo*), apresentando no esquema *nominal* escopo sintático de *sintagma nominal*, na categoria *conectivo* escopo de *ligação entre sintagmas nominais*, *ligação entre orações* e *ligação entre sintagma nominal e oração em forma nominal* e na categoria *marcador discursivo* propriedade de sintaticamente *independente*.

A análise do escopo sintático de **tipo** em todos os seus *tokens* confirma a hipótese apresentada, pois verificamos que em seus 725 usos como *type* do esquema *marcador discursivo*, **tipo** teve escopo de sintaticamente *independente*, correspondendo a um percentual de 85,29% do percentual total de usos de **tipo** na amostra analisada; em seus 71 usos identificados como de *type* da categoria *nominal* seu escopo sintático situa-se no interior do *sintagma nominal*, representando 8,35% de percentual; e em seus 54 *tokens* no esquema *conectivo* **tipo** distribuiu-se em 29 *tokens* como escopo de *ligação entre sintagmas nominais*, equivalentes a um percentual de 3,41%, seguidos de 15 como *ligação entre orações*, com percentual de 1,76%, e de 10 *tokens* como *ligação entre sintagma nominal e oração em forma nominal*, correspondentes a um percentual de 1,18%, gráfico 1.

Gráfico 1 – Percentual do escopo sintático de **tipo** nos diferentes *types*



Nos excertos (18) e (19), temos **tipo** ocorrendo, em posição nuclear, no interior de sintagmas nominais em “algum **tipo** de renda” e “esse **tipo** de intervenção” respectivamente. Nessas ocorrências a microconstrução em análise é instanciada pelo esquema *nominal*, que, conforme Perini (2006) sob o rótulo de nominais, engloba itens (aqui chamados de *types*) que

apresentam a possibilidade de ser núcleo do sintagma nominal, modificador desse sintagma ou os dois.

- (18) *int.SaoCristovao2018\_car.ms.* enquanto eu morar com meus pais ou então... ter algum **tipo** de renda que venha deles... eu não sou autônomo
- (19) *ent.SaoCristovao2018\_ant.ms.* o que eu quero daqui a dez anos é o que? ser um Professor universitário... ter meu grupo de pesquisa continuar com e- com esse **tipo** de intervenção continuar formando pessoas... entendeu?

Os excertos (20), (21) e (22) apresentam *tokens* de **tipo** no *type* do esquema *conectivo* com escopo sintático de ligação. Em (20), **tipo** introduz os sintagmas nominais [atendente de caixa], [atendedor do McDonald's] e [qualquer coisa], que são ligados ao sintagma nominal [uma profissão qualquer] por meio da referida microconstrução, tendo o escopo de *ligação entre sintagmas nominais*.

- (20) *int.SaoCristovao2018\_leu.ms.* você trabalhar com o que você gosta é muito bom... a diferença entre emprego e profissão... quando você tem uma profissão... eh... qualquer sei lá **tipo** Atendente de Caixa Atendedor do McDonald's qualquer coisa... geralmente as pessoas consideram isso um emprego porque é algo que cê tá fazendo porque tão te pagando... a profissão é o que você nasceu pra fazer... é o que você quer fazer você gosta de fazer aquilo... então é o que faz você mesmo sem você receber nada tá lá fazendo... porque é a sua profissão

Já em (21), **tipo** introduz a oração comparativa com verbo elíptico “um HIIT [é]”, ligando-a à oração principal “ele é”, apresentando assim o escopo sintático de *ligação entre orações*.

- (21) *int.SaoCristovao2018\_van.fs.* tem um um... um circuito aeróbico que o professor faz lá faz na academia na academia puta que pariu teve um dia que eu fiz Ioh quando quando terminou eu deitei no chão no step assim fiquei deitada no chão do step em cima do step ((RISOS)) que eu não conseguia nem me mexer  
*int.SaoCristovao2018\_ioh.fs.* cansou foda... mas como é como é isso?  
*int.SaoCristovao2018\_van.fs.* ele é **tipo** um HIIT (...)

E, em (22), **tipo** insere a oração em forma nominal de infinitivo [andar de ônibus], realizando a ligação entre essa e o sintagma nominal, formado por um pronome como núcleo e um adjetivo como complementador, [tudo só], tendo escopo sintático de *ligação entre sintagma nominal e oração em forma nominal*.

- (22) *ent.SaoCristovao2018\_ioh.fs.* comprei a passagem arranjei a hospedagem... na casa da filha desse primo do meu padrasto... meu padra- porque esse primo dele v- tá morando aqui agora aí num tinha como... e o outro morava ni um local mais longe... do Maracanã que é pra onde eu ia e aí fui pra casa dela né? que ela já veio pra cá também ficou na minha casa então ela... me recebeu tranquilo e aí eu sozinha né? fiz tudo só **tipo** andar de ônibus de metrô subir e descer sabe? tudo

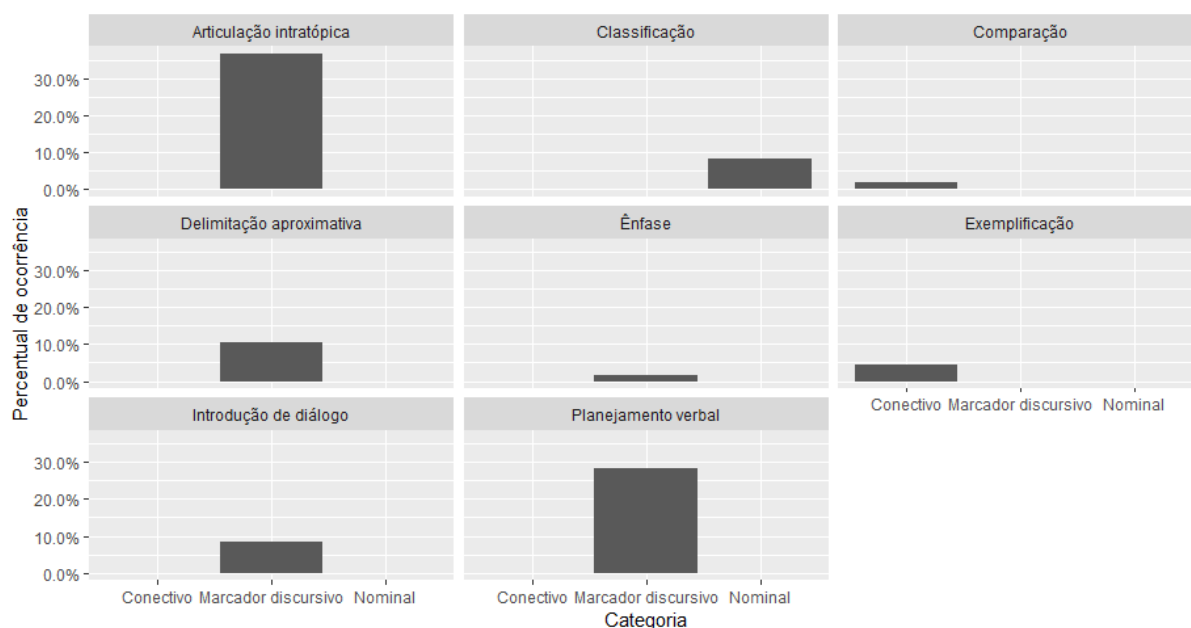
### 4.1.3 Valor semântico-pragmático

O sentido na abordagem construcional, como já apresentado, envolve propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Dessa forma, consideramos o valor semântico-pragmático como os sentidos de **tipo** contextualmente definidos, ou, em um termo amplamente utilizado nos estudos funcionalistas, sua função.

Sobre esse aspecto, com base nos estudos apresentados e em pressupostos da abordagem de construções, associamos os valores *referenciador* e de *classificação* ao sentido de **tipo** como *type* da categoria *nominal*; os valores de *comparação* e *exemplificação* aos sentidos expressos por **tipo** na categoria *conectivo*; e os valores semântico-pragmático de *introdução de diálogo interno*, *planejamento verbal*, *delimitação aproximativa*, *ênfase* e *articulação intratópica* às propriedades de **tipo** na categoria *marcador discursivo*. Assim, a hipótese para esse fator era de que **tipo** apresentaria sentidos distintos em seus usos das três categorias.

Como *type* do esquema *marcador discursivo*, **tipo** apresentou uma diversidade de valores semântico-pragmáticos, sendo distribuído nos valores de *articulação intratópica* com 312 *tokens*, equivalentes a um percentual de 36,71%; seguido do valor de *planejamento verbal* com 240, com percentual de 28,24%; do de *delimitação aproximativa* com 90 ocorrências, que correspondem a um percentual de 10,59%; do valor semântico-pragmático de *introdução de diálogo* com 70 e percentual de 8,24%; e do de *ênfase* com 13 *tokens* ocorrências, equivalentes a 1,53% de percentual. Já como *type* da categoria *nominal*, **tipo** apresentou, em suas 71 ocorrências, apenas o valor de *classificação*, com percentual de 8,35%. E como *type* da categoria *conectivo*, distribuiu-se em dois valores semântico-pragmáticos: o de *exemplificação*, com 37 *tokens*, equivalentes a um percentual de 4,35%, e o de *comparação*, com 17 ocorrências, que correspondem a um percentual de 2% conforme ilustra o gráfico 2.

Gráfico 2 – Percentual dos valores semântico-pragmáticos de **tipo** nos três *types*



Os excertos (23) e (24) exemplificam o valor semântico-pragmático de *classificação* presente no *type* da categoria *nominal*. Em (23), **tipo** não retoma seres, mas sim classes de seres, de modo que, em [os **tipos** de violência], retoma classificação para violência, dando uma ideia de que há subdivisões para violência.

- (23) *ent.SaoCristovao2018\_ant.ms.* ah com com amigos sempre... você escuta histórias né? de todos os **tipos** de violência... mas comigo em si não não aconteceu

O mesmo ocorre no excerto (24), pois em [algum **tipo** de esporte], **tipo** retoma a classificação para esporte, que, inclusive, é detalhada posteriormente, pelo falante, ao apresentar como agrupados nessa classe os esportes “musculação”, “futsal” e “futebol”.

- (24) *ent.SaoCristovao2018\_car.ms.* até os meus treze anos... tudo indicava que eu faria direito até os dezesseis ainda tendia a direito... e aí no terceiro ano do ensino médio eu comecei a me envolver com... com pessoas de fisiculturismo fitness... e aí eu gostava muito da da das atividades desde os treze que eu pratico algum **tipo** de esporte... seria musculação futsal... ( ) futebol e aí quando chegou no terceiro ano do ensino médio eu tava mais empolgado com esse meio

Os excertos (25) e (26) trazem, respectivamente, os valores de comparação e exemplificação de **tipo** como *type* do esquema *conectivo*. Em (25), **tipo** apresenta valor semântico-pragmático de *comparação*, pois estabelece uma relação comparativa entre “viajar” e “um refúgio”.

- (25) *int.SaoCristovao2018\_ine.fs.* tem uma tia minha que mora lá em Salvador eu ia muito pra lá quando eu era menor... eu gostava de ficar lá tal... era **tipo** um refúgio eu viajar eu gosto muito disso

Já em (26), apresenta valor de *exemplificação*, uma vez que a falante utiliza essa

microconstrução para introduzir “mestrandos” como exemplo de “títulos”, ao descrever a hierarquia existente no grupo de pesquisa do qual faz parte.

- (26) *DOC* existe alguma hierarquia dentro do grupo? e essa hierarquia interfere nas relações?  
*ent.SaoCristovao2018\_ioh.fs.* como hierarquia em... em grad- em títulos você fala ou hierarquia assim de alguém se sentir superior?  
*DOC* não de se sentir superior mas de... da questão dos níveis mesmo  
*ent.SaoCristovao2018\_ioh.fs.* sim sim sim de títulos **tipo** mestrandos... sim tem hierarquia que são os mestrandos... granduandos mestrandos doutores pós-doc e o nosso orientador

Em (27), **tipo** tem valor semântico-pragmático de *articulação intratópica*, uma vez que sequencia o texto do falante, introduzindo informações que dão continuidade ao tópico “infância”, por ele abordado.

- (27) *int.SaoCristovao2018\_leu.ms.* eu quando era moleque era virado **tipo** eu nunca fui de desobedecer meus pais no sentido de "menino não faça isso" e eu ia aprontar mas quando eles não tava olhando o que podia subir eu subia o que... o que podia ser quebrado tenha certeza que eu iria quebrar

Já em (28), a microconstrução apresenta duas ocorrências com valor de *planejamento verbal*, sendo utilizada para que o falante planeje sua fala ao mesmo tempo em que interage com seu interlocutor. A presença de pausas, ao longo do turno, bem como os comentários metadiscursivos (“deixe eu ver viu?”, “como é que eu posso dizer?” e “espere aí”) reforçam que se trata de contextos de elaboração da fala em que a informante opta por continuar mantendo contato, em lugar de fazer pausas silenciosas, que poderiam lhe custar o turno, assim como ocorre quando a documentadora aproveita-se de uma deixa com pausa silenciosa (com duração de 630 ms) e toma o turno para reelaborar sua pergunta, inserindo os pontos positivos e negativos do curso no âmbito da UFS a fim de facilitar o desenvolvimento do assunto.

- (28) *DOC* quais são os pontos positivos e negativos do seu curso?  
*ent.SaoCristovao2018\_ine.fs.20* acho que os pontos positivos são o fato da gente trabalhar com a área da saúde e... de a gente ((PIGARRO)) **tipo**... em relação a área da saúde acho que acho que deixe eu ver viu? nunca pensei nisso sobre isso mas eu acho que isso é um dos pontos outro ponto talvez fosse a... o fato de as pessoas terem que... **tipo** como é que eu posso dizer? espere aí...  
*DOC* os pontos aqui na UFS mesmo o do curso cu- do curso de Educação Física quais são os pontos positivos e negativos?

Já em (29), **tipo** apresenta valor semântico-pragmático de *delimitação aproximativa*, uma vez que atribui uma noção de aproximação por meio da qual o falante sinaliza para seu interactante que a informação seguinte, “uns sete meses”, não é precisa, é “aproximadamente”, “mais ou menos” aquilo, o que, neste caso, é reforçado pela presença de

“oito meses”, que também sinaliza a imprecisão, fazendo com que **tipo** passe a ideia de que o relacionamento tinha entre sete e oito meses de duração.

- (29) *int.SaoCristovao2018\_ine.fs.* eu gostava muito dele e aí a gente tava ficando já tinha quase um an- um ano? era **tipo** uns sete meses oito meses

No excerto (30), a microconstrução em estudo tem valor de *introdução de diálogo*, pois introduz diálogo de discurso direto de falas da mãe da informante, que, segundo ela, demonstram carinho e atenção da mãe para com ela.

- (30) *int.SaoCristovao2018\_ine.fs.* só que minha mãe é muito fria assim não que ela seja fria porque ela quer entendeu? mas ela faz carinho de vez em quando é o jeito dela de demonstrar que gosta ela se importa tipo "ah Ine você num vai comer não?"... "Ine já fez num sei o que?"... "e aí como é que você tá como é que tá lá na UFS?"

E em (31), **tipo** aparece com valor semântico-pragmático de *ênfase*, sendo utilizado para enfatizar a expressão “nada” em um contexto em que a informante narra suas primeiras experiências sexuais, e ao perceber que seu parceiro conversacional parece ter atribuído o fato de sua segunda vez ter sido boa a uma possível performance experiente por parte dela, destaca, de forma enfatizada, por meio da microconstrução **tipo**, que ela não havia feito nada.

- (31) *int.SaoCristovao2018\_ine.fs.* aí na segunda vez que eu fiz foi muito muito bom mesmo  
*int.SaoCristovao2018\_leu.ms.* mas é já tem já tem muita experiência pô... é tipo andar de bicicleta  
*int.SaoCristovao2018\_ine.fs.* não mas eu não tinha feito nada pô **tipo** nada mesmo tá ligado? piorzona da galera... não não sabia fazer movimentos

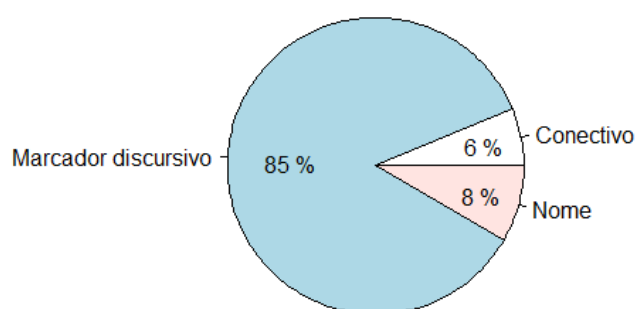
A análise do valor semântico-pragmático evidencia que a microconstrução **tipo** apresenta valores distintos nas diferentes categorias que instancia.

## 4.2 DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS *TYPES* NA COMUNIDADE ESTUDADA

A partir da análise anteriormente apresentada, classificamos 850 ocorrências de **tipo** encontradas nas 14 interações conduzidas, 10 entrevistas sociolinguísticas e uma reunião, que compõem a amostra, e verificamos que, nesse total de ocorrências, em 725 *tokens* correspondentes a um percentual de 85%, **tipo** aparece como *type* do esquema *marcador discursivo*; em 71 *tokens* equivalentes a 8% de percentual, ocorre como uma microconstrução que instancia o esquema *nominal*; e em 54 com 6% de percentual, aparece como *type* do esquema *conectivo*, gráfico 3.

Gráfico 3 – Percentual de ocorrências de **tipo** nas três categorias



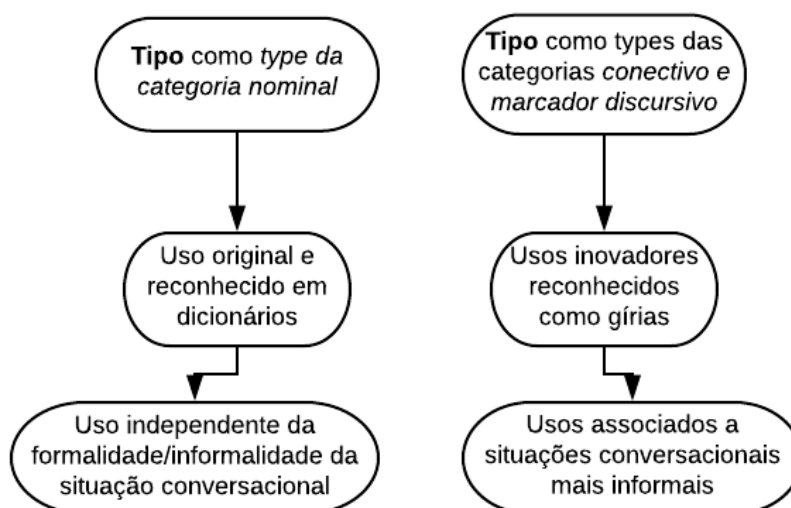


O presente trabalho, além da descrição dos aspectos do âmbito da forma e do sentido de **tipo** e de sua distribuição em diferentes *types* na fala de membros de uma comunidade de práticas, também considera a frequência *token* dos *types* em função da alternância desses membros entre estilos mais formais e mais informais, por meio do controle de situações conversacionais consideradas num *continuum* de formalidade por sua caracterização em tipos de tópicos abordados (de maior ou menor envolvimento do falante) e relação entre os interlocutores na conversa (simétrica ou assimétrica), como apresentado na sequência.

#### 4.3 DISTRIBUIÇÃO DOS *TYPES* EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO CONVERSACIONAL

Consideramos como situação conversacional os diferentes contextos de uso da língua que o estudo em comunidade de práticas, por meio dos encontros sistemáticos do grupo, nos permitiu controlar: a reunião, as interações conduzidas e as entrevistas sociolinguísticas. E sobre esse fator, tivemos por hipótese, com base na abordagem de estilo como Atenção à fala (LABOV, 2008 [1972]) e na *Audience Design* (BELL, 1984; 2001), que os usos das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*, por serem considerados como gírias, ocorreriam mais em *interação conduzida*, pois, dentre as controladas no presente estudo, esta é a situação conversacional mais próxima de uma fala espontânea, enquanto o *type* da categoria *nominal*, por ser reconhecido em dicionários como membro dessa categoria (tradicionalmente reconhecida na classe dos substantivos), não apresentaria distinção de *tokens* quanto à formalidade da situação, conforme ilustra figura 9.

Figura 9 – Hipótese para frequência *token* dos *types* em relação à situação conversacional



Fonte: Elaboração própria

Tendo em vista a distribuição assimétrica entre o total de horas somadas para cada uma das três situações conversacionais controladas no presente trabalho (reunião com 4h, entrevista sociolinguística com 8h e 33min e interações conduzidas com 9h e 33min), realizamos a divisão dos *tokens* de cada *type* por essas horas, a fim de verificar se a distribuição dos *types* em frequência *token* foi influenciada por essa assimetria, ou se os percentuais encontrados para o total de 850 ocorrências representam esse padrão.

Tabela 1: Total de *tokens* por hora de gravação da situação conversacional<sup>39</sup>

Situação conversacional	Type	Tokens por hora de gravação	Percentual de <i>tokens</i> por hora de gravação
<b>Reunião</b>	<i>Categoria nominal</i>	3	3%
	<i>Categoria conectivo</i>	0	0%
	<i>Categoria marcador discursivo</i>	3	3%
<b>Entrevista sociolinguística</b>	<i>Categoria nominal</i>	4	4%
	<i>Categoria conectivo</i>	1	1%
	<i>Categoria marcador discursivo</i>	8	9%
<b>Interação conduzida</b>	<i>Categoria nominal</i>	4	4%
	<i>Categoria conectivo</i>	5	5%
	<i>Categoria marcador discursivo</i>	69	71%

<sup>39</sup> Com vistas a apresentar as ocorrências por hora de gravação em números inteiros, estas foram arredondadas, de forma padronizada, todas para cima.

Conforme podemos verificar na tabela 1, o *type* da categoria *nominal* apresentou 3 *tokens* por hora de gravação em situação conversacional de *reunião*, 4 em situação de entrevista sociolinguística e 4 em interação conduzida; enquanto o *type* do esquema *conectivo* não apresentou *tokens* em situação de reunião, teve 1 por hora em *entrevista sociolinguística* e 5 *tokens* por hora em interação conduzida; e o *type* da categoria *marcador discursivo* apresentou 3 *tokens* por hora em reunião, 8 em *entrevista sociolinguística* e 69 em *interação conduzida*.

Nos excertos (32) a (34), vemos **tipo** sendo utilizado como *type* da categoria *nominal* nas diferentes situações conversacionais consideradas no presente estudo. Em (32) a microconstrução ocorre na *reunião*, em (33) na situação de *entrevista sociolinguística* e em (34) na situação de *interação conduzida*.

(32) *ent.SaoCristovao2018\_maz.fs.* a gente sabe que revisão sistemática a gente não costuma muito ver no grupo... então eu peguei dois ou três slides só pra lembrar a vocês eu sei que vocês já sabem... de algumas diferenças básicas da revisão sistemática pra os outros **tipos** de revisão que a gente conhece

(33) *ent.SaoCristovao2018\_let.fs.* apesar do meu dos meus mais prezarem muito a educação... eh ele é o t- é o **tipo** de criança que não quer estudar bateu o pé e realmente não estuda... então ele acaba vendo o estudo como uma forma de... perda de tempo então ele prefere trabalhar... ao invés de estudar aí como ele tá d-... tem dezessete anos então já é possível trabalhar... então ele acaba preferindo trabalhar e estudar

(34) *int.SaoCristovao2018\_car.ms.* quando seus pais te criam muito próximo dele... cê pode até sentir que tem autonomia mas é uma falsa autonomia velho autonomia de verdade você só tem quando você começa se virar sem eles e sem ter eles pra recorrer quando der merda... você ter que se virar... esse pra mim seria ser autonomia... ter autonomia  
*int.SaoCristovao2018\_ioh.fs.* eu me acho autônoma  
*int.SaoCristovao2018\_car.ms.* eh enquanto enquan-  
*int.SaoCristovao2018\_ioh.fs.* mas  
*int.SaoCristovao2018\_car.ms.* enquanto eu morar com meus pais ou então... ter algum **tipo** de renda que venha deles... eu não sou autônomo

Já nos excertos (35) e (36) **tipo** aparece como *type* da categoria *conectivo*, respectivamente, nas situações de *entrevista sociolinguística* e *interação conduzida* que foram aquelas nas quais essa microconstrução foi utilizada pelos membros da comunidade.

(35) *ent.SaoCristovao2018\_ine.fs.* claro que a gente leva em consideração alguns padrões de movimento distintos **tipo** agachar... não é o agachar que geralmente as pessoas conhecem a gente pr- eh... em alguns estudos mostraram que o agachar que é feito com dominância de joelho... ele acaba desg- s- o joelho sofre mais ação... então a gente opta mais pelo agachamento com dominância de quadril... pra os idosos

(36) *int.SaoCristovao2018\_let.fs.* eu sou péssima pra justificar... eu tou preocupada com meu TCC por causa disso pô de verdade  
*int.SaoCristovao2018\_car.ms.* se tu pe- se tu pegar um cara bom na banca filha

int.SaoCristovao2018\_let.fs. não meu filho eu tou esperando Jerônimo  
 int.SaoCristovao2018\_car.ms. Neurônimo  
 int.SaoCristovao2018\_let.fs. eu já tou esperando Jerônimo  
 int.SaoCristovao2018\_car.ms. pegar um mestrando carrasquinho  
 int.SaoCristovao2018\_let.fs. quando falar de envelhecimento  
 int.SaoCristovao2018\_car.ms. **tipo** um da UNIT

E nos excertos (37), (38) e (39) **tipo** é microconstrução da construção *marcador discursivo*, sendo em (37) utilizada em uma situação conversacional de *reunião* dos membros da comunidade de práticas, em (38) em situação de *entrevista sociolinguística* e em (39) em *interação conduzida*.

- (37) *reu.SaoCristovao2018\_leu.ms.* como ele percebeu também pela leitura dos artigos que não tava discriminando essa técnica com as idosas... ele resolveu fazer **tipo** como se fosse um teste de velocidade máxima... então a idosa ela vai percorrer o dez metros na maior velocidade que ela tem porque os dois primeiros métodos não vão contar e os dois últimos métodos também não porque o tempo todo vão ser catorze metros mas só os dez centrais que serão... avaliados como (fotocélula)
- (38) *ent.SaoCristovao2018\_ine.fs.* isso vi mais possibilidades assim... aprendi mais com o grupo também... que aí foi o grupo que me abriu... o que **tipo** tudo que eu sei hoje eu devo... principalmente ao grupo a nossa interação as coisas que a gente... aprende nas reuniões entendeu? ao que a gente às nossas tarefas então em relação ao grupo principalmente que o curso acabou me surpreendendo
- (39) *int.SaoCristovao2018\_ine.fs.* eu falei "mãe é o seguinte eu quero ficar parada esse tempo e eu posso" como a minha mãe tem um um trabalho um empresa sabe? eu falei assim "eu fico aqui com a senhora eu ajudo e depois eu vou vendo o que eu quero da minha vida de verdade" entendeu? e nesse tempo que eu fiquei lá percebi uma coisa que eu não podia ficar sem ir pra universidade e descobri também o que eu queria que é Educação Física e é isso entendeu? e aí eu falei "mãe eu preciso fazer esse curso eu preciso fazer o curso de Educação Física" só que eu não queria esperar **tipo** fiquei seis meses parada e não queria esperar um ano inteiro pra poder fazer o que eu fiz? Fiz a prova da Unit

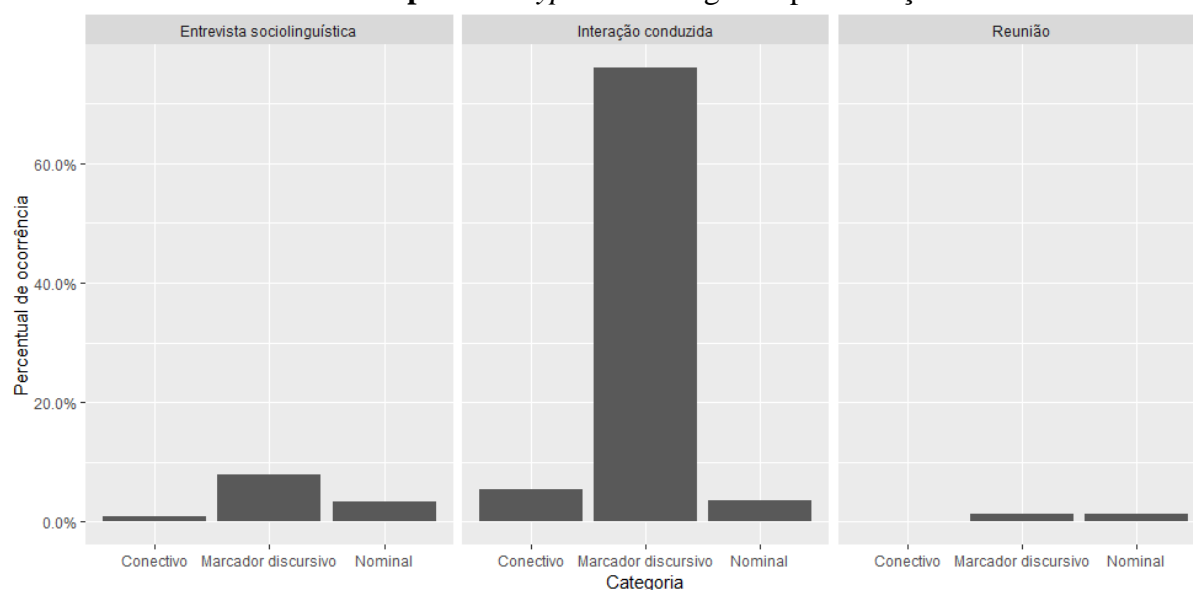
Em relação ao total de *tokens* de cada *type* e seu percentual por situação conversacional, constatamos que, como *type* da categoria *nominal*, **tipo** apresentou 11 *tokens* em reunião, 29 em situação de *entrevista sociolinguística* e 31 *tokens* em *interação conduzida*. Já como *type* da categoria *conectivo* **tipo** não ocorreu em *reunião*, apresentou 8 *tokens* em *entrevista sociolinguística* e 46 em *interação conduzida*. E, como microconstrução da categoria *marcador discursivo*, **tipo** teve 11 *tokens* na situação conversacional de *reunião*, 68 em *entrevista sociolinguística* e 646 *tokens* em *interação conduzida*. A tabela 2 e o gráfico 4 ilustram essa distribuição em percentuais.

Tabela 2 – Total de *tokens* por situação conversacional

Situação conversacional	Type	Tokens	Percentual de tokens
<b>Reunião</b>	Categoria <i>nominal</i>	11	1,29%
	Categoria <i>conectivo</i>	0	0%

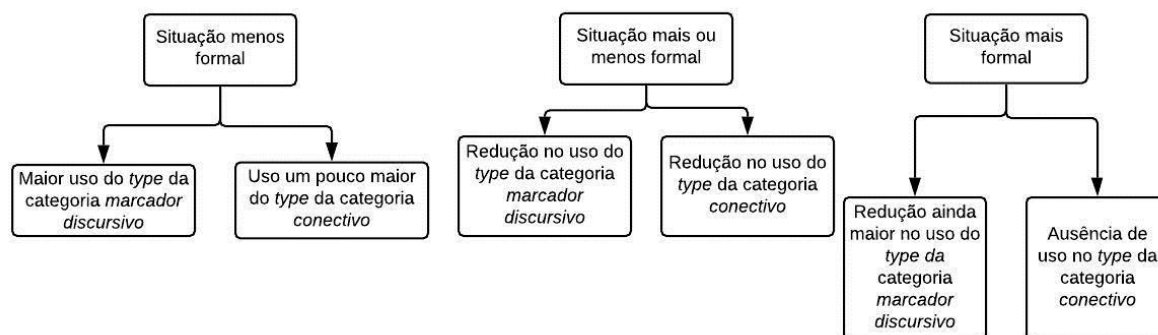
	Categoria <i>marcador discursivo</i>	11	1,29%
<b>Entrevista sociolinguística</b>	Categoria <i>nominal</i>	29	3,41%
	Categoria <i>conectivo</i>	8	0,94%
	Categoria <i>marcador discursivo</i>	68	8%
<b>Interação conduzida</b>	Categoria <i>nominal</i>	31	3,65%
	Categoria <i>conectivo</i>	46	5,41%
	Categoria <i>marcador discursivo</i>	646	76%

Gráfico 4 – Percentual de **tipo** como *types* das categorias por situação conversacionais



Os resultados obtidos a partir dos percentuais dos *tokens* de cada *type* em relação às situações conversacionais, bem como o cálculo dos *tokens* dos *types* por horas de gravação de cada situação, apresentam correspondência, demonstrando que os *types* inovadores têm maior frequência *token* na situação de *interação conduzida*, enquanto o *type* da categoria *nominal* apresentou pouca distinção em frequência *token* no interior das situações controladas no presente estudo, o que aponta a confirmação da hipótese levantada uma vez que os membros da comunidade de práticas estudada apresentaram maior uso dos *types* não registrados em dicionários para **tipo** (os das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*) na situação de *interação conduzida*, a mais propícia à emergência de sua fala espontânea, e esse uso vai diminuindo à medida que a formalidade da situação aumenta, de modo que nas entrevistas sociolinguísticas o percentual é menor e nas reuniões é ainda menor, no *type* como *marcador discursivo*, ou inexistente, no *type* como *conectivo*, como sistematiza a figura 4, enquanto o uso do *type* da categoria *nominal*, que é reconhecido em dicionários da língua portuguesa, apresenta distinção muito próxima nas três situações controladas.

Figura 10 – Distribuição dos *types* inovadores quanto à formalidade da situação



Fonte: Elaboração própria

No âmbito da situação conversacional/tipo de coleta, consideramos os assuntos abordados como um fator de influência na formalidade ou informalidade com base na afirmação de Labov (2008 [1972]) de que em assuntos como infância e risco de morte os falantes tendem a estar mais envolvidos com e que está sendo dito e a prestar menos atenção a sua fala. Assim, sobre esse fator, tivemos por hipótese que os usos inovadores de **tipo** (das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*) ocorreriam mais em tópicos mais relacionados aos informantes, a suas vivências pessoais como, por exemplo, viagens, amigos, relacionamento amoroso (tópicos com maior envolvimento do falante), em relação a assuntos mais gerais como educação e poluição do meio ambiente (tópicos com menor envolvimento do falante).

Quadro 4 – Distribuição dos tópicos em maior ou menor envolvimento do falante

Tipo de tópico	Tópico conversacional
<i>Maior envolvimento do falante</i>	família, amigos, relacionamento amoroso, primeira vez, viagens, sexo, acidente, cirurgia, casos de violência, ingresso na universidade, curso, eventos, TCC, grupo de pesquisa, trabalho, animal de estimação, primeira menstruação, comportamento na TPM, projeto de pesquisa, moradia, traição, amigos, fofoca, crença religiosa, vida social, personalidade, saúde pessoal, membros do grupo, UFS.
<i>Menor envolvimento</i>	mulher na TPM <sup>40</sup> , cotas, diversidade sexual, educação, ENEM,

<sup>40</sup> O tópico *mulher na TPM* foi considerado de menor envolvimento do falante pelo fato de ter sido abordado em

<i>do falante</i>	política, redes sociais, transporte público, preconceito, diferenças sociais entre homens e mulheres, poluição do meio ambiente, plágio, independência feminina, instituição do casamento, proposta de avaliação, resultado de artigo, critérios de busca de artigos, método, revisão sistemática, jiu-jitsu, viés, conceito de flexibilidade, questionário de quedas
-------------------	---

Fonte: Elaboração própria

O quadro 4 apresenta a distribuição dos tópicos nos quais as microconstruções envolvendo **tipo** foram utilizadas e a classificação destes quanto ao envolvimento que os falantes demonstraram ao abordá-los. No excerto (40), um membro do grupo estudado aborda o tópico “grupo de pesquisa” considerado como de *maior envolvimento do falante*, e, no excerto (41), outro membro aborda o tópico “instituição do casamento” que consideremos como de *menor envolvimento do falante*.

(40) *ent.SaoCristovao2018\_ine.fs.* isso vi mais possibilidades assim... aprendi mais com o grupo também... que aí foi o grupo que me abriu... o que **tipo** tudo que eu sei hoje eu devo... principalmente ao grupo a nossa interação as coisas que a gente... aprende nas reuniões entendeu? ao que a gente às nossas tarefas então em relação ao grupo principalmente que o curso acabou me surpreendendo

(41) *Int.SaoCristovao2018\_gab.ms.* pronto estudando Ética Ética com Ailton a gente tava conversando sobre a criação do dos casamentos as relações sociais e tal e o casamento monogâmico surgiu na na intenção de de criar laços e criar poder e acima de tudo o poder financeiro e aí a... e uma linhagem também né? e aí os casais se juntavam **tipo** o filho do coronel fulano com a filha da coronel sicrana que eles juntos têm mais posses você os filhos deles vão ser mais ricos que todos os outros da cidades

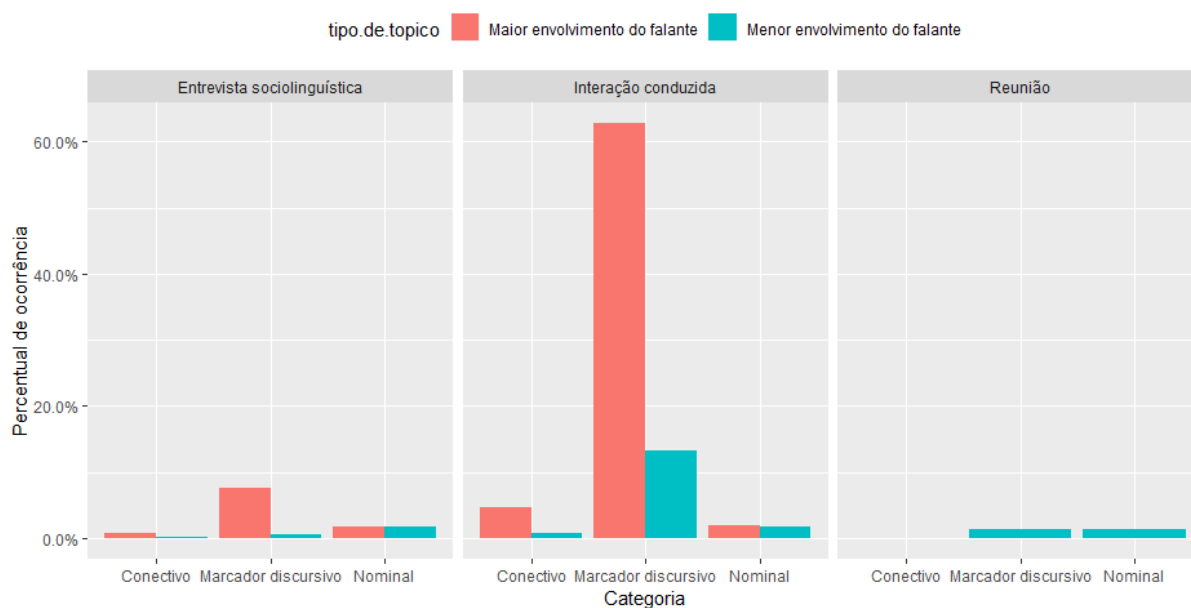
O gráfico 5 apresenta o percentual de ocorrência de cada *type* por tipo de assunto (de *maior envolvimento do falante* ou de *menor envolvimento do falante*) nas situações conversacionais/tipos de coleta (*reunião*, *entrevista sociolinguística* e *interação conduzida*) e por meio dele é possível observar que, na situação de *reunião*, não houve uso de nenhum dos *types* em assuntos de *maior envolvimento do falante*, o que se dá devido à caracterização dessa situação conversacional como de predominância de assuntos de *menor envolvimento do falante*, como apresentado em 3.3, tendo os *types* das categorias *nominal* e *marcador discursivo* apresentado 11 *tokens* cada, equivalentes a 1,29% de percentual para cada um, no total da distribuição dos usos por tipo de assunto nas três situações controladas.

Já na situação de *entrevista sociolinguística*, o *type* da categoria *nominal* apresentou 15 *tokens*, equivalentes a um percentual 1,76%, em assuntos de *maior envolvimento do falante* e 14 *tokens*, correspondentes a um percentual de 1,65%, em assuntos de *menor envolvimento do*

*falante*; o *type* da categoria *conectivo* apresentou 6 *tokens* em assuntos de maior envolvimento do falante, com percentual de 0,71% e 2, equivalentes a 0,24% em assuntos de maior envolvimento; e o *type* da categoria *marcador discursivo* teve 64 *tokens* em assuntos de maior envolvimento do falante, correspondentes a 7,53%, e 4 *tokens*, 0,47% de percentual, em assuntos de menor envolvimento do falante.

E na situação de *interação conduzida*, como microconstrução da categoria *nominal*, **tipo** teve 17 *tokens* em assuntos de *maior envolvimento do falante*, 2% de percentual, e 14 *tokens*, equivalentes a um percentual 1,65%, nos de *menor envolvimento do falante*; como *type* da categoria *conectivo*, apresentou 39 *tokens* em tópicos de *maior envolvimento do falante*, com percentual de 4,59%, e 7, equivalentes a 0,82%, nos de *menor envolvimento do falante*; e como microconstrução da categoria *marcador discursivo* teve 534 *tokens*, correspondentes a 62,82%, em tópicos de *maior envolvimento do falante* e 112, com percentual de 13,18%, nos de *menor envolvimento do falante*.

Gráfico 5 – Percentual dos *types* por tipo de tópico nas situações conversacionais



Esses resultados confirmam a hipótese aventada de que os usos inovadores de **tipo** (os das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*) têm maior ocorrência quando os assuntos são mais pessoais, mais íntimos dos falantes e estes acabam prestando maior atenção ao que estão falando do que ao seu modo de falar, em relação a assuntos mais impessoais, assuntos que eles abordam de maneira mais distanciada, tendendo, assim, a se monitorar mais, enquanto o *type* reconhecido em dicionários de língua portuguesa apresenta muito pouca distinção de uso entre assuntos de maior e menor envolvimento.

A partir dos resultados obtidos podemos responder ao questionamento, do ponto de vista



estilístico (a alternância entre estilos mais formais e mais informais interfere na frequência *token* dos *types* envolvendo **tipo**?), pois a análise das ocorrências de **tipo** nas três situações conversacionais e nos tipos de tópicos em relação a essas situações demonstra que os membros da comunidade de práticas estudada alternam entre os *types* em função da formalidade da situação na qual estão inseridos que é definida tanto pelos tipos de tópicos abordados quanto pela relação entre os interlocutores, assimétrica no caso da *reunião* e da *entrevista sociolinguística* e simétrica no caso da *interação conduzida*. Assim, tendo em vista as duas abordagens de estilo utilizadas, o modelo de Atenção à fala e a *Audience Design*, que preveem, respectivamente, que “os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestado à fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 243) e que “estilo é o que um falante individual faz com uma linguagem em relação a outras pessoas” (BELL, 2001, p. 141, tradução nossa)<sup>41</sup> podemos afirmar que há alternância de estilo nos usos dos *types* envolvendo **tipo**, uma vez que os membros da comunidade estudada alternam o uso dos *types* considerados como gírias (das categorias *conectivo* e marcador *discursivo*), em função da atenção prestada ao assunto e de seu público, de modo que quando se trata de uma situação conversacional com predominância de tópicos de menor envolvimento do falante e de relação assimétrica, como é o caso da reunião, há redução na frequência *token* e não ocorrência de um desses *types* (o do esquema *conectivo*); quando a situação é caracterizada, também, como de relação assimétrica entre os interlocutores (entrevistador/entrevistado), mas é conduzida pelo pesquisador, por meio do roteiro, para que haja alternância entre assuntos de maior e menor envolvimento do falante, como é o caso da entrevista sociolinguística, as frequências *type* e *token* desses usos aumentam; e quando na situação conversacional há relação simétrica entre os interlocutores (colegas de grupo) que abordam assuntos de sua preferência, presentes ou não nos cartões fornecidos, de modo a predominar tópicos de *maior envolvimento do falante*, como é o caso da situação de *interação conduzida*, a ocorrência dos usos reconhecidos como gírias é maior que nas anteriores.

---

<sup>41</sup> Style is what an individual speaker does with a language in relation to other people (BELL, 2001, p. 141).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tivemos como objetivo geral descrever os diferentes usos de **tipo** como *types* de diferentes categorias linguísticas, bem como a relação desses *types* com um estilo linguístico mais formal ou mais informal e como objetivos específicos: i) caracterizar os *types* envolvendo **tipo** quanto aos aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos, com base na abordagem de construções; ii) apresentar a frequência *token* desses *types* na fala de uma comunidade de práticas; e iii) identificar a distribuição em frequência *token* dos *types* em situações conversacionais e tópicos de maior e menor formalidade. Com isso, considera-se que esses objetivos foram atingidos, pois apresentamos uma descrição de aspectos linguísticos e estilísticos dos usos de **tipo**, que os configuram como *types* de diferentes categorias linguísticas e apontam sua relação com a formalidade ou informalidade do estilo linguístico na fala de membros da comunidade de práticas Grupo de Pesquisa em Educação Física.

Diante da diversidade de *types* envolvendo **tipo**, tivemos como norteador desta pesquisa o seguinte questionamento: A alternância entre estilos mais formais e mais informais interfere na frequência *token* dos *types* envolvendo **tipo**? Sobre esse questionamento, a hipótese apresentada era de que pelo fato de, nos *types* inovadores (das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*), **tipo** receber o rótulo de gíria, a formalidade/informalidade da situação conversacional, que pode ser definida pelos tipos de tópicos abordados (LABOV, 2008 [1972]) e pela audiência/interlocutor(es) (BELL, 1984; 2001), interferiria na frequência *tokens* dos *types*, sendo esses usos inovadores mais frequentes em situações de maior informalidade, enquanto o *type* da categoria *nominal*, por ter seu uso reconhecido em dicionários de língua portuguesa como pertencente a essa categoria, não sofreria influência da maior ou menor formalidade da situação.

Retomamos, de maneira sintetizada, nessa seção de considerações finais, o percurso apresentado nas demais seções dessa dissertação para cumprir aos objetivos gerais e específicos apresentados, bem como para responder ao questionamento proposto.

Na seção 1, apresentamos o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso – ou Abordagem Baseada no Uso (BYBEE, 2010) –, na perspectiva de mudança linguística da abordagem construcional (CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), para a caracterização dos usos de **tipo** como *types* de diferentes categorias linguísticas e sua relação com alterações em seus aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos, e defendemos os novos *types* como processos de construcionalização.

Já na seção 2, apresentamos o aporte teórico da Sociolinguística variacionista e os

modelos de Atenção à fala (LABOV, 2008 [1972]) e o *Audience Design* (BELL, 1984; 2001) utilizados para identificar a influência da alternância entre estilos mais formais e mais informais na frequência *token* dos *types* envolvendo **tipo**.

Na seção 3, descrevemos os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do presente trabalho: a documentação da comunidade Grupo de Pesquisa em Educação Física; a realização de três tipos de coleta (gravação de reunião, entrevista sociolinguística e interação conduzida); o controle de fatores linguísticos e estilísticos e o tratamento aplicado aos dados.

E na seção 4, sistematizamos os resultados obtidos e respondemos ao questionamento que norteou essa pesquisa. Assim, detalhamos a análise dos fatores linguísticos (pluralização, escopo sintático e valor semântico-pragmático), a distribuição geral dos *types* na fala dos membros da comunidade de práticas estudada, e a análise da frequência *token* dos *types* em função do fator estilístico situação conversacional e do fator tipo de tópico a ele relacionado.

Sobre os resultados acerca dos aspectos linguísticos dos diferentes usos de **tipo**, verificamos, conforme as hipóteses elaboradas com base na proposta apresentada em 1.2 a partir de estudos anteriores, que este ocorre com possibilidade de plural apenas na categoria *nominal*, sofrendo uma alteração morfológica de perda desse traço em seus novos *types*; que tem propriedades sintáticas distintas em seus usos das três categorias, tendo no esquema *nominal* escopo sintático de *sintagma nominal*, na categoria *conectivo* escopo de *ligação entre sintagmas nominais*, *ligação entre orações* e *ligação entre sintagma nominal e oração em forma nominal* e na categoria *marcador discursivo* propriedade de sintaticamente *independente*; e que tem valores semântico-pragmáticos, também distintos, em seus diferentes usos, tendo valor de *classificação* como *type* da categoria *substantivo*, de *comparação* e *exemplificação* na categoria *conectivo* e os valores semântico-pragmáticos de *introdução de diálogo interno*, *planejamento verbal*, *delimitação aproximativa*, *ênfase* e *articulação intratópica* na categoria *marcador discursivo*. Essa descrição das características dos usos de **tipo** nos fatores linguísticos controlados permitiu sua distinção nos três diferentes *types* a partir de propriedades do âmbito da forma (pluralização e escopo sintático) e do sentido (valor semântico-discursivo) conforme prevê a abordagem construcional (CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Já sobre o resultado geral da distribuição dos *types* na amostra Grupo de Pesquisa em Educação Física, verificamos uma maior frequência *token* do *type* da categoria *marcador discursivo*, seguido da microconstrução do esquema *nominal* e do *type* da categoria *conectivo*. Esse levantamento se fez importante pelo fato de que, conforme apontam Lacerda e Oliveira (2015, p.59), alinhadas com Bybee (2011) e Martelotta (2009), o levantamento da frequência

*token* apresenta contribuição considerável “para atestar regularidades e fornecer evidências de que as inovações que emergem na interação se estabelecem, na língua, como microconstruções individuais – as quais, por sua vez, se pautam em esquemas abstratos de natureza cognitiva”. Assim, esse levantamento realizado para **tipo** atesta seu uso como microconstruções de esquemas da rede linguística dos falantes.

E sobre os resultados obtidos da análise da frequência *token* dos *types* em função dos fatores estilísticos controlados, constatamos, acerca do fator situação conversacional, que, conforme a hipótese apresentada com base na abordagem de estilo como Atenção à fala (LABOV, 2008 [1972]) e na *Audience Design* (BELL, 1984; 2001), os membros da comunidade de práticas estudada apresentaram maior uso dos *types* não registrados em dicionários para **tipo** (os das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*) na situação de *interação conduzida*, a mais propícia à emergência de sua fala espontânea, e esse uso vai diminuindo à medida que a formalidade da situação aumenta, de modo que nas entrevistas sociolinguísticas o percentual é menor e nas reuniões é ainda menor, no *type* como *marcador discursivo*, ou inexistente, no *type* como *conectivo*, enquanto o uso do *type* da categoria *nominal*, que é reconhecido em dicionários da língua portuguesa, apresenta distinção muito próxima nas três situações controladas. Já para o fator estilístico tipo de tópico, que no presente trabalho foi considerado em relação às situações conversacionais controladas, foi possível constatar que, conforme a hipótese apresentada, os usos inovadores de **tipo** (os das categorias *conectivo* e *marcador discursivo*) foram mais frequentes quando os assuntos eram mais pessoais, mais íntimos dos falantes (*tópicos de maior envolvimento do falante*), em relação a assuntos mais impessoais, assuntos que eles abordam de maneira mais distanciada (*tópicos de menor envolvimento do falante*), tendendo, assim, a se monitorar mais, enquanto o do esquema *nominal*, *type* reconhecido em dicionários de língua portuguesa, apresentou muito pouca distinção de uso entre assuntos de maior e menor envolvimento nas diferentes situações controladas.

A partir desses resultados e dos pressupostos das duas abordagens de estilo utilizadas, o modelo de Atenção à fala e a *Audience Design*, que preveem, respectivamente, que “os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestado à fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 243) e que “estilo é o que um falante individual faz com uma linguagem em relação a outras pessoas” (BELL, 2001, p. 141, tradução nossa)<sup>42</sup>, foi possível responder ao questionamento que norteou a pesquisa: A alternância entre estilos mais formais

---

<sup>42</sup> Style is what an individual speaker does with a language in relation to other people (BELL, 2001, p. 141).

e mais informais interfere na frequência *token* dos *types* envolvendo **tipo**? afirmando que a alternância entre estilos mais formais e mais informais interfere nos usos dos *types* envolvendo **tipo**, uma vez que os membros da comunidade estudada alternam o uso dos *types* considerados como gírias (das categorias *conectivo* e marcador *discursivo*), em função da atenção prestada ao assunto e de seu público, de modo que quando se trata de uma situação conversacional com predominância de tópicos de menor envolvimento do falante e de relação assimétrica entre os interlocutores, como é o caso da reunião, há redução na frequência *token* e não ocorrência de um desses *types* (o do esquema *conectivo*); quando a situação é caracterizada, também, como de relação assimétrica entre os interlocutores (entrevistador/entrevistado), mas é conduzida pelo pesquisador, por meio do roteiro, para que haja alternância entre assuntos de maior e menor envolvimento do falante, como é o caso da entrevista sociolinguística, as frequências *type* e *token* desses usos aumentam; e quando na situação conversacional há relação simétrica entre os interlocutores (colegas de grupo) que abordam assuntos de sua preferência, presentes ou não nos cartões fornecidos, de modo a predominar tópicos de *maior envolvimento do falante*, como é o caso da situação de *interação conduzida*, a ocorrência dos usos reconhecidos como gírias é maior que nas anteriores.

Apesar de os resultados encontrados evidenciarem a relevância desta pesquisa, a descrição apresentada para **tipo** não é exaustiva, sendo pertinente a realização de estudos futuros que verifiquem, por exemplo, outros aspectos dos níveis linguísticos analisados (sintático, morfológico e semântico-pragmático), assim como aspectos de outros níveis apresentados por Croft (2001) como também envolvidos em uma construção: o fonológico – por exemplo, uma possível distinção de material fônico nos diferentes usos de **tipo** – e o discursivo-funcional – por exemplo, a possibilidade de os diferentes usos de **tipo** estarem atrelados a sequências tipológicas particulares por envolverem processos cognitivos distintos, assim como apresenta Teixeira (2010) para *vá lá* e *vamos lá* –. Além disso, a observação de aspectos prosódicos, como a duração de **tipo** nos diferentes usos, também pode enriquecer sua descrição. Outra sugestão para futuras pesquisas está na abordagem da percepção sociolinguística para os diferentes *types* envolvendo **tipo**, uma vez que a observação das atitudes linguísticas, mensuradas por testes, por reações subjetivas ou por crenças, podem também auxiliar a desvelar a relação dos diferentes usos com o estilo linguístico dos falantes.

A contribuição do presente trabalho está em, além de apresentar uma descrição dos usos de **tipo** em uma abordagem que dá igual relevância para suas características de forma e sentido, também em fornecer indícios de como esses usos dão-se em diferentes situações de uso da língua, o que ressalta a necessidade de se levar em conta aspectos estilísticos no estudo

de construções, pois esses além de enriquecerem sua descrição no âmbito do sentido, atribuindo-lhes um significado além do linguístico, também fornece informações de que o tipo de coleta de dados realizada pelo pesquisador influencia na distribuição de frequências *type* e *token* das construções. Para os usos não dicionarizados de **tipo**, especificamente, a verificação é de que dados de fala mais próximos da fala espontânea são favoráveis ao seu estudo.

## REFERÊNCIAS

- ARENA, A. B. *Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso*. 2015. 186 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.
- ARAUJO, A. S.; SANTOS, K. C.; FREITAG, R. M. K. Redes sociais, variação linguística e polidez. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p. 99-116.
- BELL, A. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.
- BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, v.13, n.2, p. 145-204, 1984.
- BERTOZZO, A. F. *De conector a marcador discursivo: “como”, “que nem” e “tipo” em Chapecó/SC*. 2014. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.
- BERTOZZO, A. F.; SNICHELOTTO, C. A. R.; A variável sexo/gênero e o uso de marcadores discursivos no oeste de Santa Catarina. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org). *Mulheres, linguagem e poder*. São Paulo, 2015, p. 189-208.
- BITTENCOURT, V. O. Tipo (assim) como delimitador de ‘unidades de informação’. *Revista de Estudos Linguísticos*. São Paulo, p. 264-69, 2000.
- BRUGMAN, H.; RUSSEL, A. Annotating Multimedia/Multi-modal resources with ELAN, In: *Proceedings of LREC 2004 - Fourth International Conference on Language Resources and Evaluation*. Lisboa, 2004.
- BYBEE, J. L. *Frequency of Use and the Organization of Language*. New York: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CARVALHO, C. S.. De cláusulas matrizes a construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem construcional. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 27, p. 17-41, 2017.
- CASTELANO, K. L.; LADEIRA, W. T. Funções discursivo-interacionais das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” em narrativas orais. *Revista Letra Magna*, ano 6, n. 12, p. 1-17, 2010.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013. p. 13-39.
- DÓRIA, T. P. L.; ALVES, V. R. O. Estudo da gramaticalização do termo/expressão TIPO ASSIM em “O Diário de Tati”. *Revista Sociodialeto*, v. 4, n. 12, p. 262-277, 2014.
- ECKERT, P. Vowels and nailpolish: The emergence of linguistic style in the preadolescent heterosexual marketplace. In: AHLERS, J; BILMES, L; CHENET, M. (Ed.). *Gender and belief systems*. Berkeley: Berkeley women and language group, 1966. p.1-9.
- ECKERT, P. Language and Adolescent Peer Groups. *Journal of Language and Social Psychology*, p. 112-118, 2003.
- ECKERT, P. Communities of Practice. In: BROWN, K. (Ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd Edition, Elsevier, Amsterdam, 2006. p.683-685.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010 [1992]. p. 93-108.
- Equipe do RStudio (2015). RStudio: Desenvolvimento Integrado para R. RStudio, Inc., Boston, MA URL <http://www.rstudio.com/>.
- FREITAG, R. M. K. Marcadores Discursivos não são vícios de Linguagem! *Revista Interdisciplinar*, v. 4, n. 4, p. 22-43, 2007.
- FREITAG, R. M. K. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE. *Revista do GELNE*, v. 10, p. 21-32, 2008.
- FREITAG, R. M. K. et al. O controle do gênero textual/sequências discursivas na motivação da variação linguística: apontamentos metodológicos. *Odisseia*, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2009.
- FREITAG, R. M. K.. A dadidade (ou dadidão) do dado. *Revista Linguística Rio*, v. 3, p. 1-14, 2017.
- FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56,n, 3, p. 917-944, 2012.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. *WorkingPapers em Linguística*, Florianópolis: PPGLg, v. 14, p. 156-164, 2013.
- FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação*



*estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 125-141.

FREITAG, R. M. K.; GONÇALVES, S. C. L.. Da forma para função ou da função para forma?. *Guavira Letras*, v. 1, n. 13, p.89-108, 2015.

FREITAG, R. M. K. Desafios teóricos-metodológicos da sociolinguística variacionista. *Pesquisas em Linguística no século XXI: perspectivas e desafios teórico-metodológicos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 27, p. 29-43, 2015a.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org.). *Mulheres, Linguagem e Poder: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015b. p. 17-74.

GILES, H.; POWESLAND, P. F. 1975. *Speech Style and Social Evaluation*. London: Academic Press, 1975.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. Versão 1.0. CD-ROM. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LACERDA, F. A. C.; OLIVEIRA, N. F. O. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Org.). *Linguística Centrada no Uso: Teoria e Método*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2015. p. 51-60.

LAURENTINO, J. J. *Funções morfossintáticas e discursivas do tipo na fala de jovens natalenses*. 2016. 93f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

LIMA-HERNANDES, M. C. *Indivíduo, Sociedade e Língua: Cara, tipo assim, fala sério!* São Paulo: EDUSP, 2011.

MENDES, R. B. A terceira onda da sociolinguística. In: José Luiz Fiorin. (Org.). *Novos caminhos da Linguística*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 103-123.

OLIVEIRA, M. R.; ROCHA, R. A. As expressões “daqui vem” e “daí vem” como instâncias da construção LOC + SV no português contemporâneo. *Caligrama*, Belo Horizonte, v.16, p.155-176, 2011.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C (Org.). *Linguística Centrada no Uso: Teoria e Método*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2015. p. 22-35.

OLIVEIRA, M. R. Propriedades contextuais e mudança construcional: o caso de aí está e aí tá no português do Brasil. *Odisseia*, Natal, v. 2, p. 125-143, 2017.

OUSHIRO, L. *Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas*. In FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p.134-177.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

PERINI, M. A. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

RISSO, M. S. Marcadores Discursivos Basicamente Sequenciadores. In: JUBRAN, C. S. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 391-452.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 371-390.

RODRIGUES, V. V. Orações que manifestam a relação de comparação: o(s) uso(s) de feito, tipo e igual. *Anais do SILEL*. Uberlândia: EDUFU, p.1-9, 2009.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, v. 60, n.2, p. 233-259, 2016.

ROST, C. A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SANTOS, A. S.; SILVA, C. R. Gramaticalização do item tipo em função de conector comparativo. *Anais do IX SELIMEL*. Campina Grande: Editora da UFCG (EDUFCG), p.1-19, 2016.

SANTANA, R. R. Funções discursivas dos marcadores olhe, olha e repare na fala sergipana. *A Cor das Letras*, v. 19, n. Especial, p.136-149, 2018.

SILVA, J. A. *Modalizadores epistêmicos na fala de Chapecó/SC*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

SILVA, R. B. *Marcadores discursivos interacionais na fala de adolescentes escolares: acomodação linguística e identidade social*. 2016. 88f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2016.

TEIXEIRA, A. C. M. *Padrões de uso de “vá lá” e “vamos lá” na norma brasileira do português: micro-construções e gramaticalização*. 153 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

THOMPSON, H. V. Tipo: um conectivo comparativo. *Anais do XV Congresso da ASSEL*, Rio de Janeiro, p.1-14, 2009.

TRAPP, K. *Os marcadores discursivos sabe? e entende? na fala de informantes do município de Chapecó/SC*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VALLE, C. R. M. *Sabe? ~ Não tem? ~ Entende?: itens de origem verbal em variação como Requisitos de Apoio Discursivo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós Graduação em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro informante,

Estamos convidando-o a participar como voluntário de uma pesquisa de campo a ser realizada por meio da gravação de situações de interação.

A coleta será realizada com o objetivo de desenvolvermos um trabalho acadêmico vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras.

A entrevista coletada ficará disponível no bando de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS; para ser utilizada em pesquisas futuras. Serão resguardadas todas as informações de identificação de forma que se mantenha o anonimato.

Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, seja por motivo de constrangimento e/ou outros motivos. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

#### Consentimento para participação

Eu, \_\_\_\_\_, idade: \_\_\_\_\_, estado \_\_\_\_\_ civil:

\_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional a que eu venha a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico. Ao mesmo tempo, libero a utilização de minha entrevista para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 196/96. Autorizo também que a minha interação fique disponível no banco de dados acima referido para ser utilizada em pesquisas futuras.

Assinatura do (a) participante: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) pesquisador (a): \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) coordenador(a)/orientador(a): \_\_\_\_\_

## ANEXO B – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

### FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Local da gravação: \_\_\_\_\_

Pesquisador: \_\_\_\_\_

#### INFORMANTE:

Nome completo: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Apelido(se tiver): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Gênero \_\_\_\_\_

Zona de residência: ( ) rural ( ) urbana Qual bairro? \_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Local de nascimento: \_\_\_\_\_ Data de

nascimento: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_ Profissão/ocupação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Outras atividades: \_\_\_\_\_

Instrução: ( ) sem instrução ( ) até a 4ª série ( ) até a 8ª série ( ) cursando ou tendo cursado o 2º grau ( )

superior em curso Qual? \_\_\_\_\_ Período: \_\_\_\_\_

( ) superior completo Qual? \_\_\_\_\_ Outro nível: \_\_\_\_\_

Escolas em que estudou: Fundamental 1 ( ) pública ( ) privada

Fundamental 2 ( ) pública ( ) privada Ensino Médio ( ) pública ( ) privada

Já viajou? ( ) Sim ( ) Não ( ) permaneceu pouco ( ) permaneceu muito

Lugares que visitou: \_\_\_\_\_

Mora com a família: ( ) Sim ( ) Não

Morou por mais de um ano em outro município? Sim ( ) Não ( )

Nome do(s) lugar(es) em que morou e tempo aproximado:

Prestou Serviço Militar? Sim ( ) Não ( )

Cidade em que prestou Serviço Militar: \_\_\_\_\_

Ouve rádio? ( ) sim ( ) não

Quais \_\_\_\_\_ emissoras?

Programa(s) preferido(s)?

Vê televisão? ( ) sim ( ) não

Quais \_\_\_\_\_ canais?

Programa(s) preferido(s)

Tem hábito de ler? ( ) Sim ( ) Não Que tipo de leitura?

#### DADOS RELATIVOS AOS PAIS DO INFORMANTE

Em que município nasceu e morou por mais tempo?

O pai nasceu: \_\_\_\_\_ morou: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ Ocupação: \_\_\_\_\_ Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_

A mãe nasceu: \_\_\_\_\_ morou: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ Ocupação: \_\_\_\_\_ Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_

## ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### Perguntas de checagem:

- Qual o seu nome?
- Quantos anos você tem?

### Perguntas relacionadas ao grupo:

- Como você conheceu o grupo e passou a fazer parte dele?
- Há uma hierarquia dentro do grupo? Essa hierarquia interfere nas relações?
- Quais são as atividades desenvolvidas no grupo?
- Como o grupo se organiza e quais são as responsabilidades de cada membro?

### Perguntas de cunho pessoal:

- Para você o que é ser universitário?
- Que curso você faz?
- Por que escolheu esse curso?
- Quais os pontos positivos e negativos de seu curso?
- O custo para se manterem seu curso é caro? Quanto você já gastou? Com que gasta?
- Pretende atuar nessa profissão?
- O que eu devo fazer para seguir essa profissão?
- Que perfil eu devo ter para poder fazer o seu curso?
- O que eu devo fazer para conseguir uma vaga no mercado de trabalho e me destacar na sua área?
- Em quais turnos você faz disciplinas? Pergunte como a pessoa costuma se alimentar na universidade. Onde? O que costuma comer? Como faço para chegar nesses locais que você costuma comer? (Solicitar o passo a passo para chegar lá)
- Você sente dificuldade na universidade?
- Você recebe alguma bolsa da universidade? Caso tenha uma bolsa de pesquisa, pergunte o que ela pesquisa, qual a relação com o orientador(a). A quanto tempo ganha a bolsa? Diga que você queria ter uma bolsa de pesquisa, pergunte quais são os requisitos que você teria que ter para ganhar a bolsa.
- Pergunte se a pessoa já fez pesquisa científica. Depois diga para a pessoa que você ainda não fez uma pesquisa científica e peça para ela explicar o passo a passo para você fazer uma pesquisa científica.
- Qual meio de transporte você utiliza para vir para a universidade?
- Você trabalha? Em que área? Se sim, quais as dificuldades que você encontra em seu trabalho? Qual meio de transporte utiliza para chegar ao seu trabalho?
- Quais as suas atividades diárias ou semanais?
- Nos finais de semana, o que você mais gosta de fazer? Para onde você costuma sair?
- Você costuma ir ao cinema? Com que frequência? Com quem você mais vai ao cinema?
- E ao teatro, você já foi alguma vez? Como foi essa experiência? Você assistiu que peça?

### Perguntas a respeito do local de moradia, opções de lazer e meio ambiente:

- Onde você mora? Em que parte da cidade?
- Há quanto tempo mora nesse lugar?

- Sempre morou nesse lugar? E seus pais também? Se não, onde moraram?
- Gosta de morar nesse lugar?
- Se tivesse oportunidade moraria em outro lugar?
- Você se desloca da sua comunidade para outros lugares? Para quais?
- O que você faz em cada um deles?
- Você fez amizades nesses ambientes? Com qual frequência vocês interagem/conversam? E com as outras pessoas que fazem parte desse ambiente, você tem contato? Interage com essas pessoas?
- Você se encontra com essas pessoas em outros ambientes (finais de semana ou feriados)? Com qual frequência vocês se encontram/conversam?
- Você participa de alguma atividade em grupo na sua cidade (religião/oração, estudos, dança, esporte, academia etc.)? Com frequência vocês se reúnem? Com quem você costuma interagir nesse grupo? Participa de outros grupos?
- Se eu fosse morar na sua cidade, quais tipos de trabalho eu poderia fazer para ganhar meu próprio sustento?
- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Se a pessoa for casada, pergunte de onde é a esposa/o e a profissão.
- A casa onde vocês moram é própria ou alugada?
- O que você mais gosta de fazer no local onde mora?
- O que é atrativo para os moradores desse lugar?
- Estou pensando em visitar sua cidade próximo final de semana, que lugar você me indica para comer? Como eu faço para chegar a esse local? (Peça o passo a passo para chegar nesse lugar)
- Você conhece seus vizinhos? Qual a sua relação com eles? (Caso a pessoa diga que não tem muito contato com os vizinhos pergunte por quê?)
- As pessoas do local onde você mora costumam se ajudar? (Leilão, Bingo, pedir alimento emprestado como açúcar, café etc.)
- Digamos que eu seja sua vizinha e espalhei uma fofoca sobre você. E, agora que estamos frente a frente, o que vocêalaria para mim?
- Há coleta de lixo regularmente nessa localidade?
- Você acha que a quantidade de vezes que o serviço é oferecido é suficiente para atender a comunidade?
- Há separação de tipos de lixo?
- O que você acha da coleta letiva?
- Você pratica alguma ação para preservar o meio ambiente? Se sim, quais? Se não, quais ações poderia fazer?

#### **Perguntas sobre segurança local e global:**

- Você considera sua cidade segura?
- Já aconteceu alguma coisa que te deixou assustado(a)? (Do tipo estupro, assassinato, assalto, violência contra mulher e outras situações do tipo). Se aconteceu pergunte: o que? Como foi? Com quem foi?)
- O que você acha que deveria mudar em relação à segurança?
- Quais as medidas que devem ser tomadas para solucionar ou diminuir tais problemas?
- Pergunte como ele via a questão da segurança há dez anos, pergunte se mudou muita coisa, o que mudou.
- O que você acha que aumenta a criminalidade?



### **Questões relacionadas à educação:**

- Pergunte o que ele acha da educação no Brasil
- Se ele acha que existem diferenças em relação ao ensino público e o ensino privado
- Pergunte em qual rede de ensino ele estudou durante boa parte da vida
- Seus pais estudaram? Eles estudaram até que nível? O que seus pais falam sobre seus estudos?
- Seus pais trabalham em quê?
- Você tem irmãos? Quantos? Eles também fazem/fizeram faculdade? Quantos anos eles têm?
- Qual a sua relação com seus irmãos?
- Você acha que com o passar dos anos houve uma melhoria no acesso à educação?
- Como era a didática dos professores quando você cursava o ensino básico?
- Sua visão sobre a escola mudou depois que você entrou na universidade?
- Pergunte sobre a política de cotas no ensino público

### **Perguntas relativas a experiências pessoais:**

- Você ou alguém próximo já passou por algum risco de morte?
- Conte um fato que marcou sua infância.
- Quando você era criança, você costumava brincar de quê?
- Como faço para brincar disso? (Pedir para ele/ela ensinar a brincadeira que citou)
- Quem era seu melhor amigo(a)?
- Você ainda tem contato com seus amigos de infância?
- Como eram seus pais? Eles eram muito rígidos?
- Caso a pessoa tenha dito que tem irmãos, pergunte como era a relação dela com os irmãos na infância? Vocês eram companheiros? Brigavam? Você lembra de alguma travessura que fizeram juntos?
- Você já passou por algum acontecimento constrangedor na escola? Já presenciou alguma cena constrangedora com algum colega?
- Conte um momento engraçado que aconteceu com você e seu melhor amigo.
- Digamos que eu seja a sua melhor amiga e eu contei para outra pessoa um segredo seu. O que falaria para mim?
- Conte um momento muito triste que você viveu com seus pais.
- Em sua casa, o que você faz nas suas horas vagas?
- Gosta de assistir? O que você mais gosta de assistir? Na sua casa, tem TV por assinatura? Você tem Netflix em casa? Você gosta mais de filmes ou séries? Quais filmes ou séries (a depender da resposta à pergunta anterior) você costuma assistir? Poderia nos contar um pouco do enredo da sua série (ou filme) preferida?
- Com quem você costuma assistir? Vocês têm o mesmo gosto?
- Na TV aberta, o que você costuma assistir? Tem alguma emissora ou programação preferida?
- Você ou sua família costuma ouvir rádio? Quais emissoras ou programas vocês preferem?
- Quando você quer buscar mais informações sobre uma notícia específica, qual meio de comunicação você costuma utilizar? (Se a pessoa responder internet, TV ou rádio, pergunte o site, o canal, a emissora ou programa específico)
- Você tem computador? Você tem acesso à internet em casa? (Caso isso já tenha ficado claro nas respostas anteriores, não faça essa pergunta). Você prefere acessar a internet pelo celular ou pelo computador? Há alguma atividade que você prefira ou ache mais

prático fazer pelo celular? Quais sites você acessa com frequência?

- Você gosta de ler? O que você costuma ler? Você lê regularmente? (Se a pessoa responder que só lê os livros do curso, pergunte se ela lê outros tipos de texto)
- Qual a sua opinião sobre o transporte público em sua cidade? E o transporte público de Sergipe? E do Brasil?
- Como você faz para ir para o comércio?
- Em qual cidade você costuma fazer compras? (Caso a pessoa responda uma cidade diferente da dela, pergunte por quê?) Você se considera consumista?
- Diga que é consumista e pergunte: o que eu tenho que fazer para deixar de ser consumista?
- Para onde você já viajou? Como foi essa experiência? Com que frequência você viaja? Que lugares gostaria de conhecer?

## ANEXO D – CARTÕES DE INTERAÇÕES

1

Em um acidente, Lucas teve a perna esquerda quebrada e ferimentos em várias partes do corpo. Foi levado imediatamente ao HUSE, mas, chegando lá, ele só foi atendido 8 horas depois, devido à superlotação.

2

Atualmente, a diversão das crianças está muito ligada a aparelhos eletrônicos, como celulares, vídeo games, computadores, diferente de alguns anos atrás, em que a maior parte das brincadeiras ocorriam na rua e eram compartilhadas em grupo.

3

A violência nos arredores da UFS tem aumentado muito. Um dia desses, eu e minha amiga passamos pela situação desagradável de sermos assaltadas e agredidas pelos criminosos.

4

Sou filho(a) único(a) e moro com a minha mãe, que sofre de colesterol alto. Durante a semana, na minha casa, tem-se uma alimentação bastante saudável, baseada em proteínas e carboidratos, mas aos sábados e domingos é indispensável um churrasquinho.

5

O período de férias é um dos mais desejados por muitos. Viajar, conhecer outros lugares, estar próximo dos amigos e familiares é muito gratificante, sem falar das recordações que ficam dos amigos e familiares.

6

Geralmente as nossas melhores recordações estão relacionadas à nossa infância, e a casa onde morávamos é o cenário principal. São lembranças de locais, objetos e momentos inesquecíveis para mim e meus irmãos.

7

A prática de exercícios físicos pode proporcionar, além de bons resultados estéticos, a obtenção de uma vida mais saudável, principalmente para quem busca a longevidade com qualidade.

8

Diego e Bárbara foram aprovados no concurso de medicina da UFS através do sistema de cotas para alunos da rede pública. E ultimamente alguns alunos não cotistas se negam a desenvolver trabalhos acadêmicos com eles.

9

Não são poucas as vezes que os noticiários destacam escândalos relacionados à corrupção na política brasileira, somando-se ainda a crise econômica vivenciada no país, o que tem aumentado a insatisfação de muitos cidadãos.

10

A degradação do meio ambiente é crescente. Embora todos saibam que esse problema é de todos e que é necessário mudar alguns hábitos que prejudicam o meio ambiente e por em prática medidas para diminuir e reconstruí-lo, muitos têm se comportado como se o problema não fosse seu.

11

Nos últimos dias, a diversidade sexual ganhou um enfoque exorbitante na mídia e nas redes sociais. Tal fato é decorrente de declarações de pessoas públicas que estão se posicionando contra ou a favor das diversas formas de expressão da sexualidade humana e dos direitos que estes possuem.

12

O governo do PT desenvolve o Programa Bolsa-Família com o intuito de combater a fome no Brasil, mas nem todos veem com bons olhos essa ação.

13

Maltratar animais é crime e prevê pena de 3 meses a um ano de detenção. Bruna e Letícia presenciaram o vizinho espancando um cachorro. Bruna pensou de imediato em acionar a polícia militar ambiental, já Letícia pensou em prestar atendimento ao animal.

14

Com dois meses de casados, Jonas obrigou sua esposa a pedir demissão do emprego, alegando que ela tinha que cuidar da casa. Alguns meses depois começou a espancá-la, sendo denunciado à polícia por duas amigas de sua esposa.

15

O sistema educacional do Brasil apresenta-se, ainda, muito deficitário. Melhorar a qualidade da educação deve ser prioridade do governo. Cabe à sociedade cobrar e fiscalizar as ações do Governo.

16

Pedro é uma das pessoas que ainda pensa que a cor faz uma pessoa ser melhor que a outra. Diversas vezes demonstrou para as pessoas com as quais convive que pensa assim, ao agir de modo preconceituoso.

17

O professor de Metodologia Científica pediu como trabalho final da disciplina um artigo. Antes de entregar o resultado da avaliação dos trabalhos, ele disse que um aluno havia plagiado o trabalho, que estava publicado em uma revista, de um amigo. Fiquei abalado só de pensar na possibilidade de alguém ter feito isso comigo.

18

Traição é algo muito ruim em qualquer tipo de relacionamento. Ana é uma pessoa que tem muita dificuldade em confiar nos outros. Ela não sabe nem o que fazer caso descubra algum dia que alguém de sua confiança esteja traindo-a.

19

Dias antes de a menstruação descer, as mulheres passam por um período chamado tensão pré-menstrual, no qual, devido às alterações hormonais, pode ser observado irritabilidade, agressividade, dor nas mamas, dor de cabeça etc., impactando tanto na vida das mulheres como na dos homens que estão ao seu redor.

20

Uma das grandes vilãs que os homens temem em um ato sexual é a disfunção erétil, ou seja, a incapacidade de conseguir ereção satisfatória para o ato sexual, que pode ser ocasionada pela falta de desejo, pela ejaculação precoce ou retardada etc., trazendo insatisfação tanto para o homem quanto para a mulher.

21

A programação dos barzinhos nos finais de semana é frequente entre os jovens. Lá saem conversas para todos os gostos, e claro que não podem faltar os históricos sexuais de cada um daquela semana. Essas conversas estão presentes também nas reuniões femininas.

22

Luana e Brena estavam relembrando da primeira vez delas. Em meio a tantas gargalhadas, a mãe das duas chegou sem que elas percebessem e descobriu que elas perderam a virgindade muito antes do que ela imaginava, o que a deixou muito magoada.

23

Pedro possui uma família unida e feliz. Ao conversar com um rapaz, explica como sua família é estruturada, o que fazem, os lugares que frequentam, o que cada um gosta de fazer e a ocupação profissional que cada um tem.

24

Maria tem problemas intestinais que lhe provocam gases. Certo dia ela estava conversando com o diretor da empresa em que trabalha e de repente veio aquela vontade incontrolável e Maria não teve como se conter. A sala em que eles estavam ficou com um mau cheiro insuportável.

25

A amiga de Ana está precisando de dinheiro para fazer alguns pagamentos urgentes relacionados à saúde. Ana conhece muito bem a amiga e sabe que, se emprestar o dinheiro, não verá a cor deste tão cedo. Devido a isto, Ana não sabe como dizer que não pode emprestar o dinheiro.

26

Pedro observa muito o comportamento/atitude das pessoas. Um dia desses, Pedro avaliou as competências positivas e negativas de um amigo frisando principalmente estas últimas.

## ANEXO E – NORMAS ADOTADAS PELO GRUPO DE ESTUDOS EM LINGUAGEM INTERAÇÃO E SOCIEDADE (GELINS) PARA A REALIZAÇÃO DE TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

### Observações:

OCORRÊNCIA	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Interrogação	?	sabe o é?
Comentário do transcritor sobre o que está acontecendo no ambiente	(( ))	((RISOS)) ((PIGARRO))
Estímulo do interlocutor Marcar na trilha do próprio informante	(est)	(est)
Hesitação do locutor	(hes)	foi (hes) uma brincadeira bem interessante
Truncamento de palavra	-	come- começou
Nomes próprios, profissões, nomes de cursos, filmes	Iniciais maiúsculas	... fui à Petrópolis uma ...
Discurso direto	“ ”	eu saio pra apresentar trabalho fora eles têm orgulho “ah ela saiu pra outro estado tá apresentando trabalho da universidade” então de certa forma isso é um apoio...
Números	por extenso	eu tenho vinte e oito anos...
Incompreensão do que ouviu	( )	
Hipótese do que ouviu	(hipótese)	ter que estudar lá no no campus de São Cristóvão ia re- ia reque- requerer da minha (como a associação) que eu teria que pagar todos os meses...
Onomatopeias e siglas	caixa alta	a questão do incentivo de participação de eventos porque assim de eventos por exemplo a OCMEA ela é incentivado por todos os professores

- Transcrição ortográfica (de acordo com o novo acordo ortográfico);
- Não corrigir erro de concordância do falante;
- As variações morfosintáticas devem ser transcritas;
- As variações fonológicas não devem ser consideradas;
- Se o falante disser: num, pra, tava, tou, ocê, cê e demais reduções - conserva-se como ele falou, desde que não seja fonológica;
- Marcar o infinitivo;
- Marcar a pausa preenchida com: ah, eh, uh
- Início de frase não deve ser utilizado letra maiúscula.

## **Metadados (colocar na trilha):**

**1) tipo de amostra:** - entrevista = ent

- interação = int

- reunião = reu

**2) Nome da comunidade**

**3) Local onde morou mais tempo (caso não tenha, colocar - não identificado - NI)**

**4) Ano da gravação**

**5) As três letras iniciais do nome do informante**

**6) sexo:** - masculino = m - feminino = f

**7) escolaridade:** - Fundamental II = f - ensino médio = m ensino superior = s

**8) Idade**

**Seguindo essa ordem, o nome da trilha ficará:**

- se for uma entrevista do Pibid/UFS e o informante morar a mais tempo em Aracaju,  
por exemplo: ent.Pibid/UFS\_Aracaju2014\_raq.fs.38

- se for uma interação do Atheneu e o informante morar a mais tempo em Aracaju, por  
exemplo: int.Atheneu\_Aracaju2014\_raq.fs.38

## **Nome do arquivo:**

**1) número da entrevista**

**2) tipo de amostra:** - entrevista = ent

- interação = int

- reunião = reu

**3) Nome da comunidade**

**4) Local onde morou mais tempo**

**5) Ano da gravação**

**6) As três letras iniciais do nome do informante**

**7) sexo:** - masculino = m - feminino = f

**8) escolaridade:** - Fundamental II = f - ensino médio = m ensino superior = s

**9) Idade**

- se for uma entrevista do Pibid/UFS e o informante morar a mais tempo em Aracaju,  
por exemplo: 01ent.Pibid/UFS\_Aracaju2014\_raq.fs.38

- se for uma interação do Atheneu e o informante morar a mais tempo em Aracaju, por  
exemplo: 01int.Atheneu\_Aracaju2014\_raq.fs.38-mar.ms.28